

pontifícia universidade católica de são paulo

puc-sp

cafira zoé
ana beatriz noronha rosa

cerca não prende rio

mestrado
em psicologia clínica

///

são paulo
2020

cafira zoé
ana beatriz noronha rosa

cerca não prende rio

mestrado
em psicologia clínica

dissertação apresentada à banca examinadora da
pontifícia universidade católica de são paulo, como
exigência parcial para obtenção do título de mestre
em psicologia clínica sob a orientação do prof. dr.
peter pál pelbart.

///

são paulo
2020

**o presente trabalho foi realizado
com apoio do programa de bolsas de
pós-graduação do conselho nacional
de desenvolvimento científico e
tecnológico - CNPq - número de
protocolo 34251/2018-0**

this study was finance by the
program of the national council for
scientific and technological
development - CNPq - protocol number
134251/2018-0



Banca Examinadora

Prof. Dr. Peter Pál Pelbart
(orientador)

Prof. Dr. Carlos José Ferreira dos
Santos (Casé Angatu Tupinambá)

Profa. Dra. Annita Costa Malufe

à minha avó, maria

a *exu*, o movimento e o caminho
à *iansã*, que me ensinou as metamorfoses
a *oxóssi*, que chegou por último

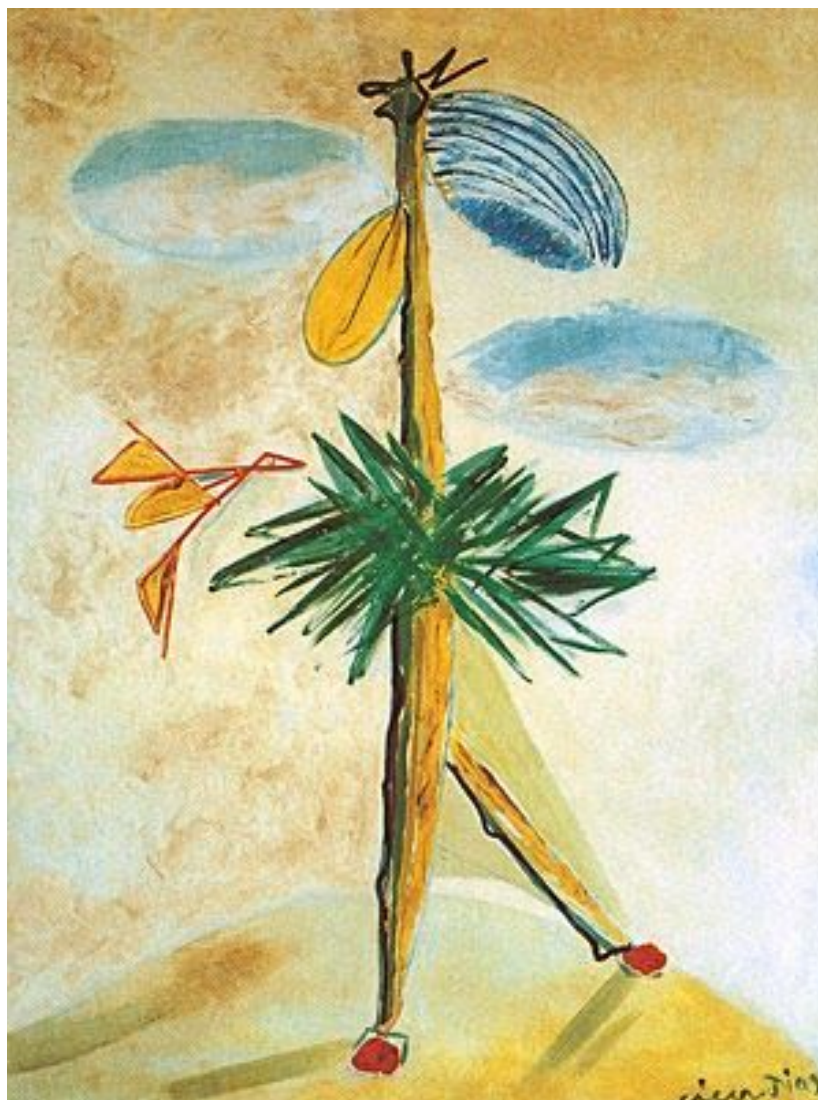
o vão a flecha o fluxo



celebro e agradeço
todas as forças humanas e não
humanas, as entidades da linha
de frente e dos subterrâneos,
as canções, poemas e imagens,
as águas do mar, o teatro,
todos os eclipses,
as compreensões e
desentendimentos da linguagem
e do corpo, todos os ocasos, a
mata, a espera, os encontros e
os ruídos, todos os banhos de
erva, os chás e a matéria viva
dos pensamentos que cruzaram
o caminho, agradeço todas as
composições moleculares,
alquímicas, ancestrais e
futuras que fermentam as
metamorfoses vitais dos meus
pontos de vista e de vida, e
invoco suas presenças chamando
seus nomes

exu. oxóssi. iansã. camila mota.
leonilson. amélia gonzaga. maria aparecida.
povos puris da serra da mantiqueira. maria
assunção noronha. stela do patrocínio.
sebastião rosa. casé angatu tupinambá.
julian floyd. peter pál pelbart. suely
rolnik. ouro preto-mariana. camila dias.
bixiga-sp. joão perci schiavon. ogum.
romualdo noronha. sandy celeste. flávia
noronha. cesalpina. lina bo bardi. clayton
oliveira. josé celso martinez corrêa. edgar
ferreira. natália goulart. antonin artaud.
jade noronha. choros nº 10. gia láctea.
catherine hirsch. annita costa malufe.
valéria noronha. teat(r)o oficina. tarcísio
noronha. fernando resende. flávio e pedro
taam. n-1 edições. estação primeira de
mangueira. maria lúcia noronha. mariana
lacerda. raísa geribello. maloca da
jaceguay. izabella coutinho. santa
teresa-rj. ana claudia. mara rasmussen.
denise assunção. mãe celina de xangô.
marianne fonseca. tabuleiro do acarajé.
ocupação 9 de julho. carmen silva. marielle
franco. o teatro. silvinha werneck. povos
lgbtq+infinito. cláudia holanda.
juliane campos. amanda beça.
maria alice vergueiro. deleuze e guattari.
ana carolina meirelles. minas gerais.
ovnis. cometas. marília gallmeister.
luciane britto. ana sette.
josé cícero. medicina chinesa.
marli elias veisac. joana medeiros.
beto eiras. juliana pithon. sylvia prado.
thiago pedrosa. júlia rebouças.
cosme e damião. ana paula cohen.
mayara baptista. thiago benucci.
são miguel arcanjo. ama-san.
núcleo de estudos da subjetividade.
espadas de iansã. mamoeiro ou dançarino.
omulu. vera barreto leite.
todas as plantas. mutação de apoteose.
cacilda becker

ao fôlego também propiciado pela
agência de fomento cnpq e a todas as pessoas que
entraram no moquém da benfeitoria para sustentar o
caminho antes da chegada da bolsa de pesquisa.



mamoeiro ou dançarino
cícero dias



mamoeiro ou dançarino
parque do rio bixiga

autor: cafira zoé
título: cerca não prende rio

resumo: este é um trabalho de pesquisa ligado à captura sensível e incerta dos movimentos vitais da existência, um sismógrafo ligado às vibrações seminais de povos humanos e não humanos e suas insurreições. opera por composição, fabulações, cruzamentos e confluências, investigando a vazão, o fluxo e as intensidades que se chocam, permeiam e atravessam, no encontro dos corpos, criando espécies de comunidades, companhias, constelações cosmopolíticas em direção a uma ética da mistura e das encruzilhadas. matéria viva busca matéria viva.

palavras-chave: insurreições vitais, cosmopolítica, matéria viva, ética da mistura, encruzilhada, fabulações.

author: cafira zoé
title: fence don't hold river

abstract: this research work is linked to the uncertain and sensible capture of the vital movements of existence, a seismograph linked to the seminal vibrations of human and non-human insurrections. it operates by composition, fabulations, crossings, intersections and confluences, investigating the flows and intensities which collide, permeate and cross, in the encounter of bodies, creating different species of communities, fellowships and cosmopolitical constellations towards an ethics of mixture and crossroads. living matter seeks living matter.

keywords: vital insurrections, cosmopolitical, living matter, ethics of mixture, crossroads, fabulations.

PRIMEIRO ATO 17
prelúdio

fissão no tempo-espaço
brasil
década de 20 dos anos 2000

SEGUNDO ATO 62

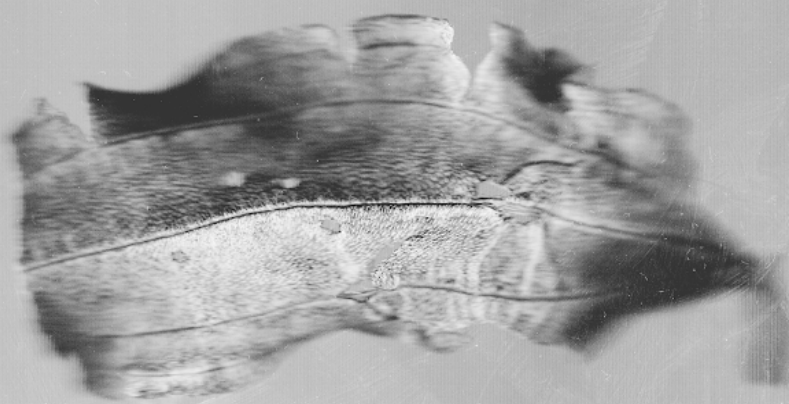
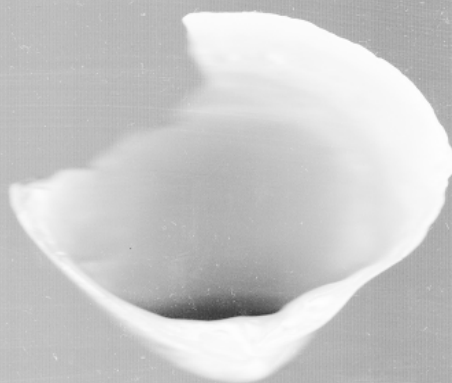
rio
tempestade
vazio - viva a encruzilhada!

TERCEIRO ATO 118

notícias do centrø da terra
ficção køsmica

COSMO
TRANSMISSORES 132

ÍNDICE
ICONOGRÁFICO 136



PRIMEIRO ATO

prelúdio

cosmotransmissores

raio
um lance de dados
magnésio
água
gilles deleuze
guiné
donna haraway
tiqqun
terra
félix guattari
alecrim
stela do patrocínio
hijikata
anna tsing
seiva
antonin artaud
veneno
kuniichi uno
ruínas
fruto



há florestas noturnas onde sonham os cães
e as suas pegadas
rosa-fluorescentes
farejam os poros por onde transpiramos o medo dos séculos

eles caminham calmamente entre as folhas nem um pouco
secas
e a umidade da boca das frutas
cheias de lua e água
abrem cordilheiras de onde se escutam uivos humanos
tomados de alegria e coragem

é doce a água e as suas línguas gigantes lambem as
feridas que criamos
na terra
quando decidimos que poderíamos nos separar dela

há pássaros de fogo enormes de asas verde-rosas
eles sobrevoam as copas das árvores mais antigas
em danças espirais
protegendo o sono das matilhas
cuidando para que não despertem no meio do espanto

o que se passa entre

/ todo pensamento emite um lance de dados stéphane mallarmé

**as próprias palavras...
trepam
por sua própria conta,
ladram, fervilham,
por serem cães,
insetos ou ratos
propriamente
linguísticos ¹**

¹ DELEUZE & GUATTARI (2003)

encontrar a palavra vital e escavar o medo. como escrever com o que escapa? matéria viva busca matéria viva. como escrever com o que escapa? é dito: é preciso ter disciplina, você precisa organizar o tempo, é preciso ter disciplina, você precisa, é preciso.

preciso: o verbete preciso é uma forma flexionada de precisar. é dito do que tem precisão, do que é rigoroso, exato. obrigação. do que é rigoroso, perfeito, sem erro. definitivo, dogmático. ex: deu uma resposta direta, precisa. um tiro perfeito. amar é preciso².

dada a insuficiência dos imperativos, mais eficazes em assustar a escrita que farejar seu pulso, nada será preciso, a não ser o que for. deliberadamente, uma *pré-cisão* - ligada aos tremores da terra, às asas dos pássaros, às guelras dos peixes, aos tremores do corpo... - será ferramenta desse trabalho de escrita que é também um trabalho de uma força, fértil porque frágil, viva porque escapa.

esse exercício, palavra por tropeço, é um risco, é verdade, emociona estômago e coração, esfria e aquece, é político porque estão abertos os poros, é uma invenção de uma linguagem e de um modo de existir que dê conta do que se passa entre, e do que acontece, quando se encontra. é um pragmatismo vital e poético, cáustico e alegre, onde **tudo é coextensivo a tudo**³.

² Fonte: Dicionário Priberam da Língua Portuguesa.
<https://dicionario.priberam.org/vazio> [consultado em 03/02/2020].

³ François Ewald. [Orelha do Livro] In DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. Mil Platôs. Vol 1. 2ª Edição (2ª reimpressão) São Paulo: Editora 34, 2017.

nada que se aproxima nada me é estranho
fulano sicrano beltrano
seja pedra seja planta seja bicho seja humano
- olho de lince, wally salomão ⁴

a obsessão pela palavra clara que diga tudo leva ao ressecamento das palavras. (...) se voltarmos, por pouco que seja, às fontes respiratórias, plásticas, ativas da linguagem, se relacionarmos as palavras aos movimentos físicos que lhes deram origem, se o aspecto lógico e discursivo da palavra desaparecer sob seu aspecto físico e afetivo, isto é, se as palavras em vez de serem consideradas apenas pelo que dizem gramaticalmente falando forem ouvidas sob seu ângulo sonoro, forem percebidas como movimentos, e se esses movimentos forem assimilados a outros movimentos diretos e simples tal como os temos em todas as circunstâncias da vida e como os autores não os têm suficientes em cena, a linguagem da literatura se recomporá, se tornará viva ⁵

⁴ SALOMÃO (2014)

⁵ ARTAUD (2006)

como escrever com o que escapa? com o frágil? com a terra ardendo em chamas? com o que é fóssil e o que é vital? com um país em convulsão? com as ruínas e as plantas, com a mulher que eu amo, com um pé de guiné, com um manjerição-roxo, com donna haraway, com banhos de alecrim, com stela do patrocínio, com leonilson que lambe as suas feridas e as minhas e quase não late e é quente e me olha de volta, com a água gelada do mar e quando é morna, com as águas-vivas e o teatro, com os genocídios dos povos, com a morte de marielle e com a sua vida, com gilles deleuze e com o que não faz sentido, com a seiva e o fruto, com as abelhas e com os pulmões, com alegria e coragem, com a carne e o que corta, com a poesia e a cólera, com as fronteiras e o que dissolve, como escrever com o que cura e o que envenena? com anna tsing, guattari, com exu, tranca rua, iansã, oxóssi e o rio do bixiga, como escrever com um arco e no lugar da flecha um raio, como escrever com o que se passa entre? e atravessa

escrever-junto, fazer-junto, lutar-junto, é sem promessas, sem fôrma, é ao mesmo tempo uma faísca e um estouro, um pouco d'água e um relâmpago numa nebulosa...

o mundo, o universo se lança no corpo do menino, e não há nem histórias, nem personagens, a criança não faz nada além de descrever ou inscrever a velocidade e a flutuação de tudo que passa em seu corpo sem forma. os dramas, os acontecimentos e as sensações que perturbam os adultos não são mais, para essa criança, do que o movimento perpétuo dos átomos constituindo a vida. não importa quais objetos, uma concha, hashi, bombons, uma bacia, fósforos, insetos tudo faz parte desse pequeno corpo estendido e disperso na imensidão, para o qual tudo está na mesma distância, próximo ⁶

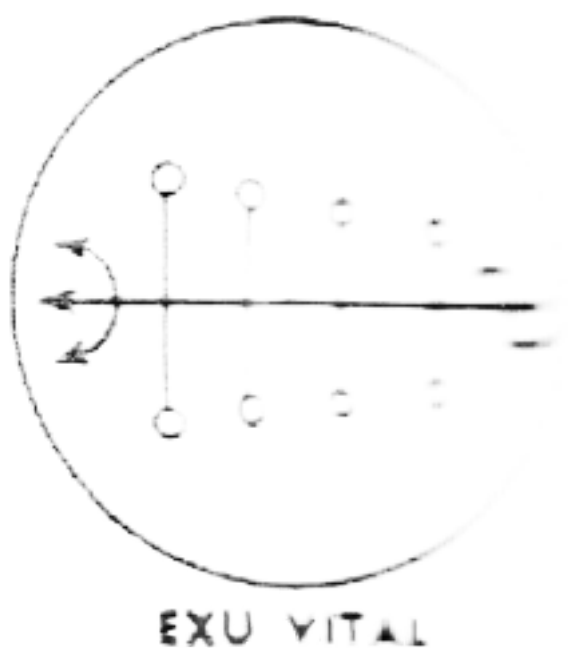
⁶ UNO (2014)

auscultar onde a força da vida pulula, se instaura, agita, esse é um trabalho para uma pequena saúde e também uma barricada. um método, simples e difícil, precário e cósmico: criação de uma tecnologia de penetrabilidade vital, uma tecnologia de escrita transversal⁷ que é também o próprio pensamento, um traçado e uma flecha lançada em direção a talvez uma ética... da mistura, da metamorfose e do movimento. uma ética da encruzilhada. do cruzo do pensamento e do corpo e do corpo da palavra, uma ginga, modos de abrir, de rachar, de romper, de cuidar, de auscultar, de ligar, de corroer, de fazer-fluir, de estancar, de respirar, de fazer-viver, de dançar, de fazer dançar as teorias, de apagar, de escrever, de aprender a errar, modos de voltar, modos de desacelerar, de olhar, *escrever como quem diz eu estou viva*⁸. makumba⁹-gráphyka-vital contra hierarquias.

⁷ Como pensarmos de maneira mais interseccional? Como pensarmos com mais de um termo ao mesmo tempo? Acredito que o modo de lidar com o que acontece no contexto argentino, com o extrativismo, a indústria pecuária, o modelo de confinamento, a extensão dos campos de soja, etc... tudo isso está profundamente relacionado à extinção em massa e às mudanças climáticas. Falar mais de relações entre problemas, em vez de deixar que qualquer um diga "tal coisa é mais importante". Falar de relações entre problemas, não necessariamente começar sempre do mesmo lugar para conversar. E acredito que os jovens podem precisar de ajuda com isso, porque penso que todos tendemos a pensar em categorias que muito rapidamente se tornam estáticas. (...) Precisamos ativar as alianças, colocá-las para funcionar. HARAWAY (2019)

⁸ Poesia visual de Francisco Mallmann.

⁹ Luiz Antonio Simas (Revista Serrote, FEV 2020): A expressão 'macumba' vem muito provavelmente do quicongo *kumba*, 'feiticeiro'. *Kumba* também designa os encantadores das palavras, poetas. Macumba seria, então, a terra dos poetas do feitiço; os encantadores de corpos e palavras que podem fustigar e atazanar a razão intransigente e propor maneiras plurais de reexistência e "descacetamento" urgente pela radicalidade do encanto, em meio às doenças geradas pela retidão castradora do mundo como experiência singular de morte". // O termo **makumba-gráphyka** (nesta grafia) foi usado pela primeira vez por Camila Mota, para o trabalho "Cobra-Grande", realizado pela Universidade Antropófaga (à época, com Camila Mota, Pedro Lira de Ira Gomes) para o livro da exposição "O Espiral e o Quadrado: Exercícios em Translabilidade", no Bonniers Konsthall, Estocolmo, Suécia (2011). Utilizamos o termo até hoje nos trabalhos gráficos de Camila Mota, Marília Gallmeister, Carila Matzenbacher e Cafira Zoé para o Teat(r)o Oficina. Trata-se de uma mídia tática que trabalha por colagens, composições, desenhos, devorações e humor na criação de gestos/peças gráficas vitais, ligadas à linguagem da Companhia, que, mesmo antes de conhecer o termo, já produzia makumba gráphyka em trabalhos visuais potentes que sempre foram ao mesmo extensões do cosmos de cada peça/momento.



tomemos a encruzilhada como fundamento de mundo, não antiocidental, mas que cruza todo e qualquer caminho. ou seja, nela tudo dá e se lança em transformações, reivindicando as ambivalências e inacabamentos que não cabem em uma lógica binária, maniqueísta e hierarquizada ¹⁰

escrever é cheio de gente. o que toma forma e o que se bebe quando se toma fôlego: uma atmosfera de subjetividades: minerais, vegetais, humanas, estelar, criança, animal, eletricidade, ventania...

às vezes respiro mal e isso também se escreve. aprender a respirar é um pouco como encontrar a palavra vital, a falta de ar é também um sufocamento político. escrever com o que escapa, talvez seja escrever com as gúelras, com o músculo cardíaco, com o ritmo e com as arritmias. esculpir o pensamento nos contornos de uma escrita.

a linguagem não se dissocia das forças que permeiam o que se escreve. essa escrita é também um método do pensamento, um assentamento da imaginação encarnada nas palavras-gesto que gestam mundos. inventar para si uma escrita sem medos: uma tecnologia de imaginação e conhecimento e invenção e desconhecimento. capturar, como os sismógrafos capturam os tremores de terra, a matéria viva, numa espécie de escrita-estetoscópica.

inventar uma constelação impossível, atentar para os encontros e as fricções, escrever com a poesia, essa ferramenta cósmica e política para produção de mundos que é também uma tecnologia e um método de não-sucumbir ao que sufoca, asfixia e mata. desejo de comum infiltrando estruturas, um furo e uma fissão no país da gramática¹¹, multiplicidade, fricção das palavras-corpo desse corpo que escreve com as palavras-corpo que chegam, escrever é um pouco extensão do corpo e o que se planta, são brotos germinando nos espaços de uma terra em branco.

¹¹ A expressão "No País da Gramática" aparece na peça "A Morta", de Oswald de Andrade (1937).

eu gosto mesmo é de escrever
**de fazer número
em papelão** ¹²

ó garrafada das ervas maceradas do breu das brenhas
se adonai de mim e do meu peito lacerado.
ó senhora dos remédios
ó doce dona
ó chá
ó unguento
ó destilado
ó camomila
ó belladonna
ó phármakon
respingai grossas gotas de vossos venenos
ó doce dona
ó camomila
ó belladonna
serenai minhas irremediáveis pupilas dilatadas
ó senhora dos sem remédios
domai minhas brutas ânsias acrobáticas
que suspensas piruetam pânicas,
nas janelas do cáos.
e tontas buscam o abraço fraterno e solidário dos espaços vácuos.
ó garrafada das maceradas ervas do breu das brenhas
adonai-vos do peito dilacerado
e do lenho oco que ocupo.
ó leite de magnésia, ó elixir, ó cicuta ¹³

¹³ Feitio de Oração, primeiro poema do livro *Pescados Vivos*, de Waly Salomão (2004).

escrever é ao mesmo tempo em que se faz um corpo, uma função fisiológica, intestino. o magnésio é um mineral que atua em mais de 300 reações químicas e processos biológicos do organismo, é essencial na síntese de proteínas e no transporte de energia no corpo: tudo que envolve elasticidade, expansão e contração, movimento: cérebro-coração, pulmões, músculos, fazer cocô. magnésio também faz parte da nutrição mineral das plantas.

em solos comprometidos pela escassez de alimento, algumas árvores conseguem crescer, por exemplo, em aliança com certas espécies de fungos (simbiose) recebendo deles o transporte de magnésio, cálcio, fósforo e outros nutrientes. magnésio 15 minutos antes de comer ou antes de dormir, faz bem também para os dentes e para os ossos. magnésio escreve-junto esse exercício de atletismo afetivo que é parir um pensamento enquanto ele voa debaixo da terra. alecrim e magnésio para as sinapses da vida e do cérebro.

o conceito de “simbiose” –
convivência interespecífica
mutuamente benéfica – foi
inventado para o líquen, uma
associação de um fungo com uma
alga ou com uma cianobactéria.
nessa interação, o parceiro não
fúngico abastece o metabolismo do
líquen por meio da fotossíntese; o
fungo torna possível ao líquen viver
em condições extremas. ciclos
repetidos de umidificação e
dessecamento não perturbam o
líquen, pois o parceiro fúngico pode
reorganizar suas membranas logo
que a água aparece, permitindo a
continuidade da fotossíntese. (...) o
papel dos fungos na renovação de
ecossistemas torna mais do que
óbvio que os fungos são sempre
companheiros de outras espécies.
a interdependência entre as
espécies é um fato bem conhecido –
exceto quando diz respeito aos
humanos. (...) o excepcionalismo
humano nos cega¹⁴

¹⁴ TSING (2012)

o l í q u e n a t a c a a p e d r a
f
e
c
u
n
d
a
n
d
o
a
t
e
r
r
a

15

o tempo das coisas e as forças dos mundos atravessam a vida. cada palavra, assim como cada maneira de existir, é um ponto de vida mais que de vista, um músculo: retirar o espinho da palavra-músculo, destampar palavras-rio, desentupir as artérias de um texto, abrir espaço, deixar-passar, tropeçar, enroscar, desenroscar, roçar as línguas, escoar, fazer-trincar. olhar desassombradamente para o que se escreve, talvez seja isso um pouco como roer o ego e a forma das coisas quando elas entopem.

**é preciso aquecer os músculos e hidratar a garganta
dar escudos duros e afiar as lanças dos que combatem
protegendo as pedras que dão água.
é preciso não salvar os mortos
mas limpar as ruínas de suas guerras
sem arrancar as ervas daninhas.
é preciso fornecer plantas para a sombra
e luzes no lugar dos olhos
daqueles que perderam a cabeça.
é preciso acolher os feridos
e deitar sal e cinzas
nos seus ferimentos.
é preciso acalmá-los.
e acalmá-los é dar guarida ao breu em que estão.¹⁶**

¹⁶ HANSEN (2018)

quando você sentir
que o céu está ficando
muito baixo,
é só empurrá-lo
e respirar ¹⁷

esse é um trabalho de abertura para a transubstanciação da vida quando ela acontece, atento à passagem dos estados, das substâncias, das atmosferas. escrever numa época em contração e revolta é vital, há um mundo orecular em cada palavra, uma antena para os espasmos do tempo, para o cosmos e para os rios que correm subterrâneos no avesso do céu. escrever e contar as histórias, escrever e comer as palavras. brasil, década de 20 dos anos 2000.

voar em estilhaços / e refazer / com
dez mil aspectos / notórios / um corpo
novo ¹⁸

o modo como as palavras existem é uma forma-de-vida¹⁹, não apenas um estilo. início a feitura desta terra, e a sua lavra. esse trabalho é um cruzamento e uma encruzilhada e é preciso ficar nela para estar à altura e aos subterrâneos do objeto dessa pesquisa: matéria viva busca matéria viva: levantes vitais de povos humanos e não humanos e suas alianças, interseções, geografias, intensidades. opera por constelações, cartografias, circuitos, montagens, fotossínteses, atlas, sinapses, devoração... e por nenhuma delas. fabricando uma espécie de método composto, em que corpo, palavra e pensamento praticam exercícios de permeabilidade da carne, para dar conta - e quando não der - de produzir um conhecimento, formas de conhecer, uma tecnologia²⁰ e também um transe, todos eles científicos e importantes.

¹⁸ ARTAUD (1948) em Pra dar Um Fim No Juízo de Deus. A versão usada é a tradução do Teat(r)o Oficina, de 1996.

¹⁹ "a unidade humana elementar não é o corpo - o indivíduo -, mas a forma-de-vida. (...) cada corpo é afetado por sua forma-de-vida como por um clinâmen, uma inclinação, uma atração, um gosto. aquilo em direção ao qual se inclina um corpo inclina-se também, por sua vez, em direção a ele. (...) chamamos *pensamento* o que converte a forma-de-vida em *força*, em efetividade sensível. Tiqqun, Contribuição para a Guerra em Curso". TIQQUN: [cc] n-1 edições, 2019.

²⁰ "A tecnologia pode ser esse tipo de operação que intervém em qualquer campo sem necessariamente acompanhar-se de máquinas ou mecanismos. (...) Tudo isso pode ser combinado com uma pesquisa em um contexto mais amplo, que podemos chamar de uma certa tecnologia (*techné*) para uma vida nova." (UNO, 2018, p. 140-141).

é também metodologia deste trabalho escrever e estar em cena, a poesia, as artes visuais e o teatro - habitar esse cruzamento. escrever com as forças de ator e de atriz e outras, com o candomblé, com o cultivo das plantas medicinais, com os chás e com os unguentos que vem do quintal, com a associação teat(r)o oficina uzyna uzona e com a ocupação 9 de julho, com o bairro do bixiga - ambos em são paulo, capital. escrever com o povo puri da serra da mantiqueira, com as abelhas e os traumas da mineração em minas gerais, com a flor da babosa e com a transplantação dos pés de pitanga e bambu para terras maiores que os recebam, escrever para libertar gente humana e minérios, escrever com o rio de janeiro e seus cataclismos, escrever com os deslocamentos e a estrada, escrever com todos os dias em que não havia o que escrever porque não era preciso. ofereço aqui um começo e uma fissura, uma palavra-peixe nadando entre os dedos da mão.

82

CIEN-ZIA
CIÊNCIA
TECNOLOGIA
E

TRANS E

SATÉLITE
NO CORPO
IN-DIRECTA
MATRIX

03 VII
79

E X T R A

No País da Gramática

A cena representa uma praça onde vêm desembocar várias ruas.

Um grupo de gente internacional passa ao fundo.

O TURISTA PRECOCE — Faz favor. Quem são aqueles?

O POLÍCIA — Um russo, um alemão, um japonês, um italiano, um nacional...

O TURISTA — Que são?

O POLÍCIA — Nomes comuns. É a grande reserva humana de onde se tira para a ação, o sujeito...

O TURISTA — São vivos?

O POLÍCIA — Vivos todos.

Um grupo de gente amortalhada atravessa a cena.

O TURISTA — E aqueles?

O POLÍCIA — São os mortos.

O TURISTA — Vivem juntos? Vivos e mortos?

O POLÍCIA — O mundo é um dicionário. Palavras vivas e vocábulos mortos. Não se atacam porque sómos severos vigilantes. Fechamo-los em regras indiscutíveis e fixas. Fazemos mesmo que estes que são a serenidade tomem o lugar daqueles que são a raiva e o fermento. Fundamos para isso as academias... os museus... os códigos...

O TURISTA — E os vivos reclamam?

O POLÍCIA — Mais do que isso. Querem que os outros desapareçam para sempre. Mas se isso acontecesse não haveria mais os céus da literatura, as águas paradas da poesia, os lagos imóveis do sonho. Tudo que é clássico, isto é, o que se ensina nas classes...

O TURISTA — Com quem tenho a honra de falar?

O POLÍCIA — Com a polícia poliglota.

O TURISTA — OH ! que prazer! O senhor sou eu mesmo na voz passiva. Na minha qualidade de turista falo sete línguas, nesta idade! E não tenho mais governante!

O POLÍCIA — Também falo sete línguas, todas mortas. A minha função é mesmo essa, matá-las. Todo o meu glossário é de frases feitas...

O TURISTA — As mesmas que eu emprego. Nós dois, só conseguimos catalogar o mundo, esfriá-lo, pô-lo em vitrine!

O POLÍCIA — Somos os guardiães de uma terra sem surpresas.

O TURISTA — E querem transformá-la! Absurdo! Não é melhor assim? Sabemos onde estão a torre de Pisa, as Pirâmides, o Santo Sepulcro, os cabarés...

O POLÍCIA — Nossa desgraça seria imensa se subvertessem a ordem estabelecida nos Bedekers. Desconheceríamos as pedras novas da vida, os feitos calorosos da rebeldia. Não distinguiríamos mais fronteiras e alfândegas... Perderíamos o pão e a função.

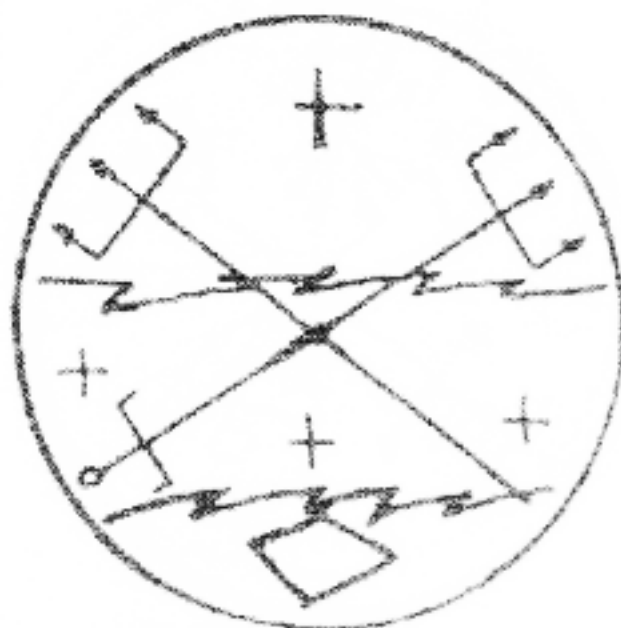
O TURISTA — E nós, os ricos, os ociosos, onde passear as nossas neurastenias, os nossos reumatismos? Onde? Perderíamos toda autoridade.

Vozes ao fundo.

(...)

— Abaixo a autoridade dos ociosos! Abaixo! Queremos o verbo criador da ação...!

* acima da linha das notas - até aqui e daqui pra diante - há uma terra livre e nela as palavras se inscrevem minúsculas, as folhas respiram e os espaços existem para que quando forem devoradas as palavras e suas forças não nos falte o fôlego, nem o gosto da escrita encenada nas folhas em branco. as notas também são apreciadas e fazem parte do campo magnético desta pesquisa.



EXU VIRA TUDO

uma *fissão*

no tempo-espaço

cosmotransmissores

vírus

corpo humano

autoritarismo

interrupção abrupta

corte

regressão

oxigenação

desmatamento

queimada

volta

revolta

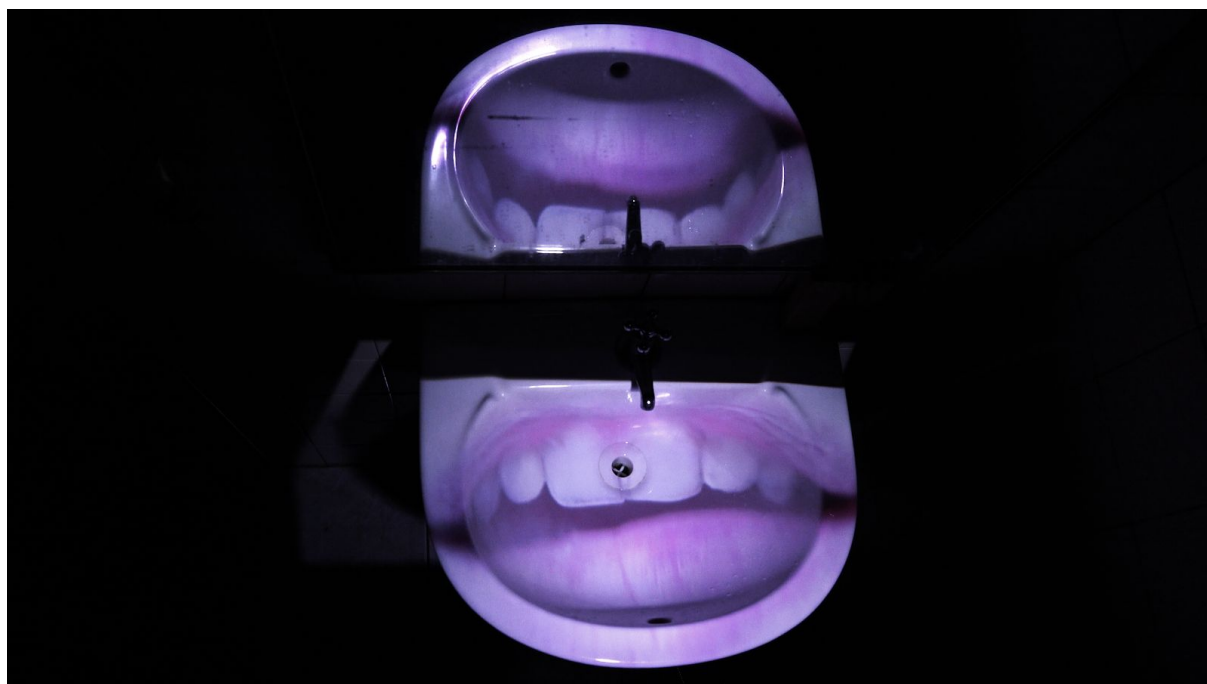
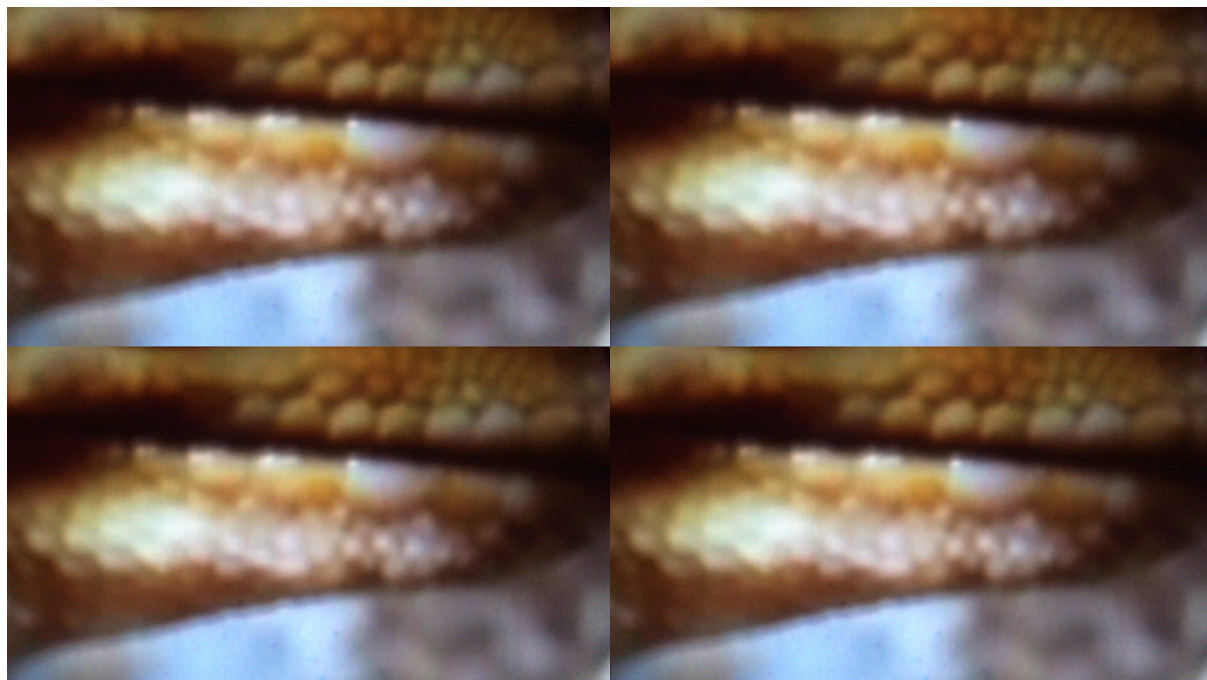
reviravolta

sismógrafo



o **brasil** outro exemplo de colônia é o brasil. abril. quarto mês do ano. homens e índios. índios são homens e mulheres. portugueses são homens. abril. feriado de abril. feriado de colônia. praia lotada, churrasco com os amigos. avenida pedro Álvares Cabral, parada. parque do Ibirapuera, lotado. os portugueses comem carne. os portugueses amam praia. água de coco. floresta. diversidade de folhas. animais selvagens. portugueses amigos. seiva bruta, seiva elaborada, bainha, pecíolo, nervuras secundárias, nervuras primárias, limbo. folhas. caules. troncos. madeira. nobre. caesalpinia echinata. 30 metros de altura por 1 metro e meio de madeira nobre. pequeno pra quem vê de longe, gigante pra quem tenta abraçar. interior de forte coloração vermelha. duas metáforas para a cor vermelha: brasa e sangue. brasa: brasil. sangue: sangril. um país com um nome linguisticamente derivado da palavra “sangue”. óbvio demais. primeira opção. tinta rubra. tecidos. móveis. madeira nobre, móveis nobres. reparem: a cor vermelha é uma cor nobre. sangue vermelho e sangue azul. quente e frio. arterial e venoso. sangue fresco, sangue ruim. sangue é sangue. abundância. atividade fácil. abundância e trabalho escravo. nobre. exploração. cultura. colônia de exploração. cultura de exploração. exploração cultural. cultura colonial. exploração de exploração. melhor alternativa. vamos regulamentar. o que é de um povo é do mundo. regulamentado. o que é do mundo não é de um povo. regulamentado. uma terra que é nossa, mas não nos pertence. regulamentado. oceano atlântico. regulamentado. 7 491 quilômetros de litoral. as 10 melhores praias do mundo, do planeta, do atlas. oceano do mundo. atlas de atlântico. livro de mapas geográficos. por exemplo: atlas de anatomia. anatomia dos índios. cabeça, ombro, joelho e pé. ombro, joelho e pé. joelho e pé. pé. pé de terra. terra de mar. mar de oceano. oceano de atlântico. atlântico de ilha. fernando de noronha. primeiro grande extrator da madeira nobre. 330 léguas para o interior a partir da costa. estrutura de defesa. extinção dos advérbios de adversidade. proibida a queima de madeira vermelha. o vermelho é mais bonito que o cinza. sangue cinza. piratas franceses e espanhóis nobres. tordesilhas. patrimônios do país. o que é de um povo é do mundo. cultura. o que é do mundo não é de um povo. cultura. cultura-governo-cultura-geral. açúcar: salvador. bahia de todos os santos. nobres. santo do pau nobre. casa-grande, senzala, casa dos trabalhadores livres, moenda, capela, canavial, curral, plantações de subsistência, reserva florestal, rio. casa-grande, brasa. senzala, sangue. zumbi, tiradentes, feriado. the walking dead. casa dos trabalhadores livres, greve. moenda, sangue. capela, sangue. canavial, caldo de cana. pastel. curral, homens com cabeças de boi. batalha medieval. colônia. plantações de subsistência, arroz, feijão, carne de homens com cabeças de boi, sangue. reserva florestal, jardim botânico, sangue. rio. ouro: rio de janeiro. rio de janeiro, fevereiro, março, abril, maio, junho, julho, agosto, setembro, outubro, novembro, dezembro e janeiro. janeiro, fevereiro, março, abril. aula de português. gramática brasileira. eu, tu, ele, nós, vós, eles. eu fui, tu viu, ele foi. nós ficamos, vós ficasse, eles viram. cidadania europeia e certidão de nascimento. pastel de belém, 8 reais a unidade. oito. vinho do porto. proibido beber o sangue de cristo. bacalhau na páscoa. proibido comer a carne de cristo. proibido comer a carne dos homens. proibido comer a carne dos homens com cabeça de boi. bacalhau no natal. peixes não nadam para trás. homens e mulheres nadam para trás. índios nadam para trás. portugueses, franceses e espanhóis nadam para trás. cariocas, paulistas, mineiros, salvadores, heróis, bruxas e loucos nadam para trás. a vida deve seguir em frente. quem olha pra trás enquanto anda, tropeça. exemplo. olha pra frente, menino! quem olha pra frente não sabe a sorte que tem. avante, brasil! avante! extinção do verbo “voltar”. quem volta está morto. e morrer é um insulto. na colônia, morrer é um insulto. no brasil-colônia, morrer é um insulto. aqui, morrer é um insulto. por isso nós enterramos os nossos mortos. a superfície é dos vivos. por isso nós enterramos os nossos mortos. pra ressuscitarem como árvores. seiva bruta morta, seiva elaborada morta, bainha morta, pecíolo morto, nervuras secundárias mortas, nervuras primárias mortas, limbo morto. folhas. caules. troncos. madeira. nobre. madeira. viva. por isso nós enterramos os nossos mortos. pra reaprenderem de onde vieram, pra renascerem como plantas, pra descansarem de uma vez por todas, pra nunca mais voltarem em forma de gente, pra florejam como flores. todas as flores são lindas. todos os mortos são lindos. todos os índios são lindos. todos as mulheres são lindas. todos os homens são lindos. todos os negros são lindos. toda terra é linda. toda colônia é de exploração. nós só nos esquecemos de uma coisa (e agora já é outro dia, outro ano, outro século). os nossos mortos não estão em contato com a terra //

colônia, dramaturgia de gustavo colombini (2019)



panaceia / pandemia / panspermia / pandemônio / para-raio / prontuário
 pau-brasil / para-peito / peixe-espada / privada / purpurina / pão e circo
 padaria / propósito / prozac / projac / prognóstico/ pirilampo/ paranoia
 paradigma / pecuária / pau / pedra / pantanal / pêndulo / puerpério / paciência
 providência / porcaria / pulsão / platô / platão / plutão / planeta / patife
 primogênito / pericárdio / patológico / pornográfico / permeável / pantomima
 parasita / pensamento / poro / pele / palco / pátria / posse / pulga / porre

como escrever com os mortos? há 302.400 minutos, e subindo, habitamos um estado de vida pandêmico. desde que a fina camada de segurança da vida humana na terra foi furada por um agente biológico, habitamos o espanto. é certo, as forças não humanas, geológicas, animais, vegetais, anímicas, minerais, estelares, planetárias, os vírus e as bactérias, a rebentação dos vulcões e das marés, estão tocando sinos em baladas cada vez mais fortes, e muitas forças humanas também: o alarme vital da terra apita contra os modos autoritários de vida²¹, produção e consumo e contra a máquina econômica de produção de morte e lucro em progressões **geométricas**. no brasil pandêmico, junto ao agente biológico viral, agentes de necromancia praticam a produção compulsória de políticas para morte e suas mãos geram dor, esquecimento e violência - suas oferendas são feitas de forma insistente ao supremacismo colonial, especista, autoritário, em comunhão ranço-amorosa com um capitalismo histórico, acachapante e rizomático, ambos cultuando-os religiosamente. estamos submersos em estados de guerra²², com maior ou menor intensidade, com variações de grau e velocidade, é crua a violência da imposição dos valores de vida e morte hierárquicos, negacionistas e universais. o fanatismo de uma política neopentecostal, misógina, racista, ligada a uma perspectiva antiquada da ideia de progresso, extração, exploração da exploração - já não se esconde mais, ao contrário, se esparrama, cínico, à luz do sol sobre os nossos corpos.

²¹ Se para os animais somos paquidermicamente antropocêntricos e do ponto de vista das plantas sofremos de zoocentrismo crônico, para as pedras certamente somos radicalmente fitocêntricos. Mas a conclusão, já tão óbvia para aqueles humanos capazes de se colocar no lugar dos outros seres, é que somos mesmo totalmente autocentrados (...) Como bem sabemos, esse narcisismo humanista e especista não é inofensivo e legítima há muito a invenção perversa de categorias de não humanos e sub-humanos. Ou, como diria Viveiros de Castro, retomando a homenagem de Lévi-Strauss a Jean-Jacques Rousseau, o ideólogo do bom selvagem, "a relação entre racismo e especismo não é de descontinuidade, e sim de continuidade: o especismo antecipa e prepara o racismo". Ou seja, "tudo se passa como se o único modo de se exorcizar o racismo (o especismo interno) fosse pelo endurecimento do especismo externo (a tese do excepcionalismo humano)" CANÇADO (2017)

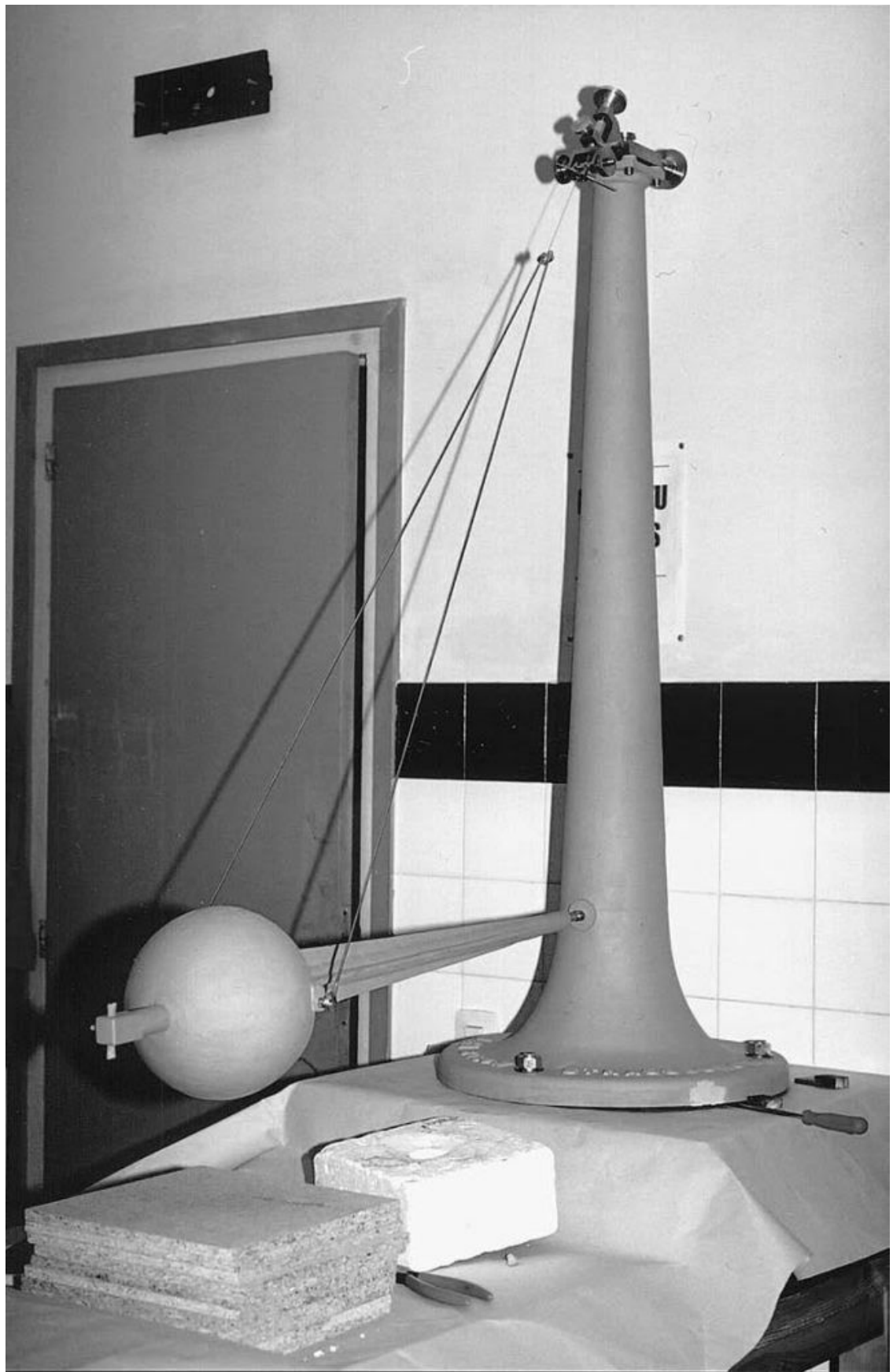
²² O que estamos vivendo não é um processo natural, mas uma fase a mais de uma guerra que não cessou: a mesma guerra que levou à capitalização das áreas de preservação de terras indígenas, ao confinamento e ao extermínio de todos os corpos cujos modos de conhecimento ou afecção desafiavam a ordem disciplinar, à destruição dos saberes populares em benefício da capitalização científica, à caça às bruxas, à captura de corpos humanos para serem convertidos em máquinas vivas da plantação colonial; a mesma guerra na qual lutaram os revolucionários do Haiti, as cidadãs da França, os proletários da Comuna, aquela guerra que fez surgir a praia sob os paralelepípedos das ruas de Paris em 1968, a guerra dos soropositivos, das profissionais do sexo e das trans no final do século XX, a guerra do exílio e da migração... PRECIADO (2018)

talvez estejamos presenciando, pela euforia dos gestos e suas megalômanas perspectivas de destruição, uma derrocada final - agônica, opera por infiltrações, intersecções, corroendo subjetividades, desmoronando sistemas identitários, dando um nó no tabuleiro político, ao mesmo tempo em que se ata a ele. há uma rachadura que deixa escapar a vulnerabilidade sistêmica do país em estágios de putrefação.

**sabe-se que a chamada
democracia no brasil é uma
planta exótica de difícil
aclimação por essas
paragens ²³**

²³ SALOMÃO (1993)

o uirapuru é chamado sentinela da floresta, atua na amazônia, com a ciência da observação e da espera, protege o ecossistema na medida em que avançam perigos e perturbações, criando comoção grande com seus sonidos alarmantes. muitos animais, insetos, etcetera, dominam a tecnologia da camuflagem, outros tantos conhecem a sabedoria dos recuos, voltar para seguir. percorrer a espiral. para atuar política e vivamente no brasil agora, a ágora dos seres não humanos e das forças geológicas constituem-se como importantes assessores políticos. estar à espreita para farejar a ruína do império, e agir.



para reorientar a bússola é preciso chacoalhar. o movimento retoma seu curso, mas para onde? no eco do tempo há uma voz que nos diz: é preciso cuidar das profilaxias da terra. com as mãos lavar a terra, segurar o céu e lavar o medo. é preciso manter-se em tesa suspensão. estar prestes!

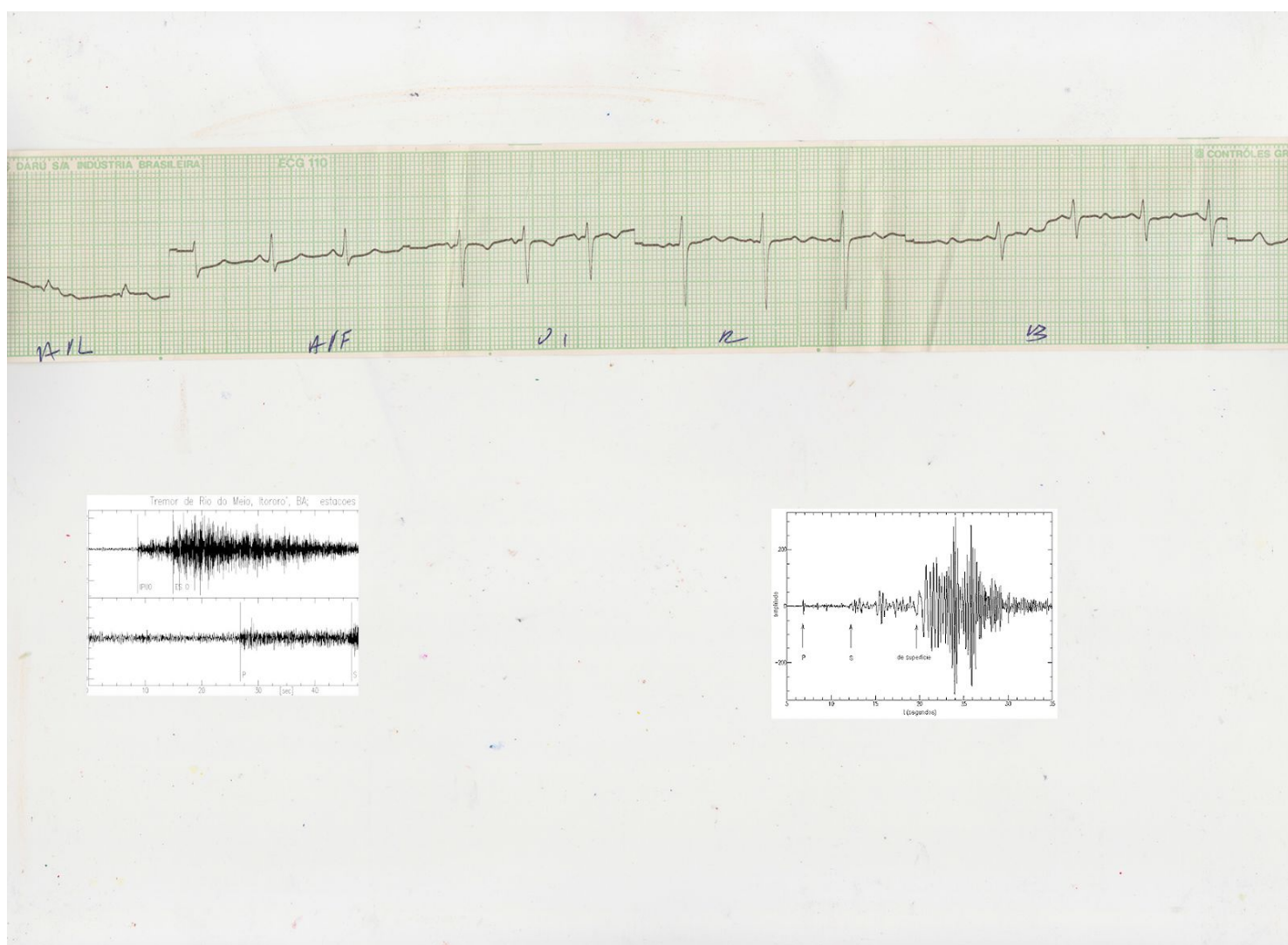
no teatro se encarnam as entidades do mundo que atravessam as épocas, os corpos e a peste, criando novos mundos, imaginando, experimentando e interpretando a vida a partir do fogo dos que vieram antes de nós e dos que nos esperam adiante. só se existe em ato. no brasil muitas vidas estão agora sob grande ameaça. o estado assume sua ação em políticas de morte: desova deliberada das formas de vida não correspondentes à forma única vigente. todos os povos que neste momento, e desde há muito, pulsam suas existências e se insurgem contra as violências institucionais estão sob a mira da extinção, do apagamento, do desaparecimento forçado. os ministérios atuam ao contrário, representando com seu nome, precisamente, a pasta, o assunto e as forças que precisam aniquilar. estão enforcando economicamente a população para que na agonia final engula o que for preciso para sobreviver. a amazônia - todo seu bioma - já esteve em chamas reiteradas vezes, a bomba está armada e anuncia catástrofes humanas, ecológicas, políticas sem precedentes. o pantanal está exposto, milhares de árvores foram mutiladas, seu tecido vital está em carne viva pelas queimadas. há uma série de atividades antrópicas em curso (queimadas, desmatamentos, garimpo, mineração, extrativismo colonial, agronegócio, práticas de monocultura e pecuária grosseiras e compulsórias, especulação imobiliária...), que não foram interrompidas com a pandemia, ao contrário, são agentes de produção pandêmica, de adoecimento coletivo, de violência ininterrupta, de degradação humana e não humana, histórica, ecológica e futura.

grande parte da angústia que experimentamos hoje é resultante da nossa compreensão de que o menor ser vivo é capaz de paralisar a civilização humana melhor equipada tecnicamente. esse poder transformador de um ser invisível, acredito, produz um questionamento do narcisismo das nossas sociedades. estou pensando não somente no narcisismo que torna o ser humano mestre da natureza, mas também naquele que nos leva a conceder ao ser humano um poder destrutivo incrível e exclusivo sobre os equilíbrios naturais. continuamos a nos enxergar como especiais, diferentes, excepcionais, inclusive na contemplação do dano que infligimos a outros seres vivos. contudo, esse poder de destruição está distribuído equitativamente entre todos os seres vivos. o ser humano não é o ser que mais altera a natureza. qualquer bactéria, qualquer vírus, qualquer inseto pode produzir um grande impacto no mundo. a ecologia contemporânea continua a se nutrir de um imaginário em que a terra aparece como a casa da vida. trata-se de uma ideia implícita nas próprias palavras ecologia e ecossistema: *oikos*, em grego, designa a morada, a esfera doméstica bem organizada. na realidade, a natureza não é o reino do equilíbrio perpétuo, onde todos estariam no seu lugar. é um espaço para a invenção permanente de novos seres vivos que alteram totalmente o equilíbrio. todos os seres migram, todos os seres ocupam a casa de outros. a vida, basicamente, é só isso ²⁴

os povos da cultura, seus operários, os povos do teatro, das artes, também são foco de extermínio e soterramento. para atravessar este pântano, será preciso invocar, e ao mesmo tempo encarnar, a sabedoria das alianças e das confluências, os rios correm juntos em direção aos vales. fazer parentes, lutar-junto, criar-junto é agora uma tecnologia política e uma máquina de guerra, contra a guerra. malditas sejam todas as cercas que nos apartam do poder da nossa força coletiva, malditas sejam todas as cercas que nos separam da urgência vital de nos afiarmos no fogo das nossas diferenças, criando um campo magnético de multiplicidades, de subjetividades, de memórias, de qualidades de luta, horizontais, que se entrelaçam no fronte contra todas as asfixias. é hora. há notícias chegando do centro da terra. os primeiros tremores começaram a rachar o olho do furacão bem debaixo de nós. do epicentro das florestas de todo o mundo uivam matilhas inteiras e seus corações latem dentro do peito. espécies de ondas radiofônicas, telepáticas, absurdas, sobem do chão como um canto de hipnose fantástico. os corpos que tocam a terra conseguem sentir o bafo quente das suas vozes subindo pelas pernas.

antenas de gafanhotos
captando abalo sísmico
iminente

la terra trema terra em transe ²⁵



em belo horizonte o rio arrudas²⁶ explodiu o concreto durante fortes chuvas e jorrou alturas deixando passantes perplexos. a mineração envenenou as águas do rio doce, no território krenak em minas gerais, agora eles velam o rio, sonham o rio, conversam com o rio, watu é seu nome. os rios saracura, bixiga e itororó, asfixiados em galerias de concreto debaixo da terra, no bixiga-sp, buscam-se em épocas de grandes chuvas percorrendo a memória dos seus cursos, são os transbordamentos. com os fantasmas também se cria. é preciso dar de comer à memória, lavrar a sua terra, existem memórias vitais presas em todo pedaço de memória fabricada e injetada à força nos platôs de um inconsciente colonial²⁷. ainda há vida entre as ruínas. um rio traça suas de linhas de fuga. talvez a insurreição das águas nos indiquem o curso de volta às nossas próprias. como escrever com o contra-plano e os cortes no plano?

é com minha avó que nunca soube ler que escrevo poemas. é com a geologia ferida de minas gerais que imagino grafias, ruínas - e porquê esta pesquisa é também um trabalho de uma vida, investigação de regenerações e sobrevivências, um quase-mapa, uma quase-geografia, onde o corpo, essa matéria viva atravessada por outros corpos e suas geocardiografias, aberto no espaço, é também a fresta nevrálgica em fricção com todas as outras, é também o próprio pêndulo vibrante do sismógrafo registrando as perturbações no solo, transsubstanciações das formas: metamorfoses.

²⁶ imagens do respiro do rio:

<https://www.otempo.com.br/cidades/volume-do-arrudas-estoura-bueiros-e-rachaduras-na-pista-da-andradas-assustam-1.2288909>

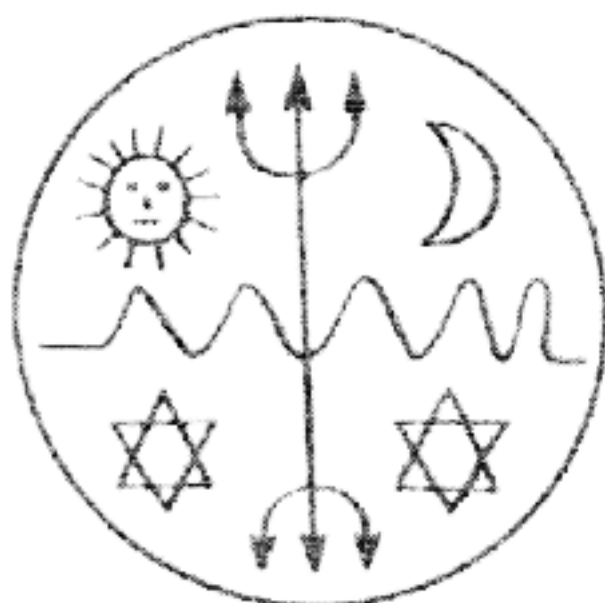
²⁷ Poderíamos dizer que o inconsciente é esta fábrica de mundos. estar à altura desse tempo e desse cuidado para dizer o mais precisamente possível o que sufoca e produz um nó na garganta e, sobretudo, o que está aflorando diante disso para que a vida recobre um equilíbrio – esta é, precisamente, a tarefa de uma micropolítica ativa. (...) a esse regime de produção da fábrica do inconsciente propus dar o nome de “inconsciente colonial-capitalístico”. a espoliação dessa fábrica de futuros se dá por meio de uma operação de cafetinagem: o movimento pulsional é desviado de seu curso ético, no qual produziria “novos mundos” em função do que pede passagem, para que, em seu lugar, produza “novidades”, mais e mais cenários que multiplicam as oportunidades de investimento e acumulação de capital e excitam a voracidade de consumo numa velocidade exponencial. o abuso da pulsão é a medula micropolítica do regime colonial-capitalístico. para viabilizá-lo, o inconsciente é um dos alvos essenciais do mega-empreendimento colonial operado pelo capitalismo, que hoje tornou-se globalitário. sendo assim, é impossível transformar o atual estado de coisas sem intervir na esfera micropolítica: descolonizar o inconsciente é o que almeja a insurreição nesta esfera. ROLNIK (2018)

serão necessários muitos povos, humanos e não humanos, para criação de estranhos e importantes povoamentos. fecundar as alianças e as ligações - não apenas de sangue, mas de seiva, de pensamento, de vibração.

no rio de janeiro o mangue é um povo que reexiste e insiste, e de novo. é preciso cuidar dos ecossistemas vitais, da cabeça, dos ritos, das ancestralidades dos povos que nos geraram e continuam a nos gerar mesmo massacrados, mesmo asfixiados, mesmo mutilados. é preciso cuidar dos povos que nos transmitem a sua força. sempre a mesma força vital atravessa os séculos, é preciso auscultar seus batimentos frágeis, porque são intensidades, porque são ciências, porque são tecnologias para cuidar das vidas, todas as vidas. não precisamos refundar os mitos que perpetuam a morte dos povos que nutrem as forças de vida da terra. precisamos compor vales de sentinelas que protejam o viveiro das insurreições vitais que estouram agora junto aos tornados, às marés e aos animais, para nutri-las.

faz algum tempo, o abscesso do brasil foi aberto - há muitos rios debaixo da terra, existe também muito sangue - e agora ele nos olha de volta. vamos riscar o fósforo.





EXU DOS RIOS

auscultar

um rio

cosmotransmissores

água

rio do bixiga

pedra

o sertão é o cosmos

casé angatu tupinambá

hilda hilst

barricada de árvores

oswald de andrade

terra

denilson baniwa

agricultura sintrópica

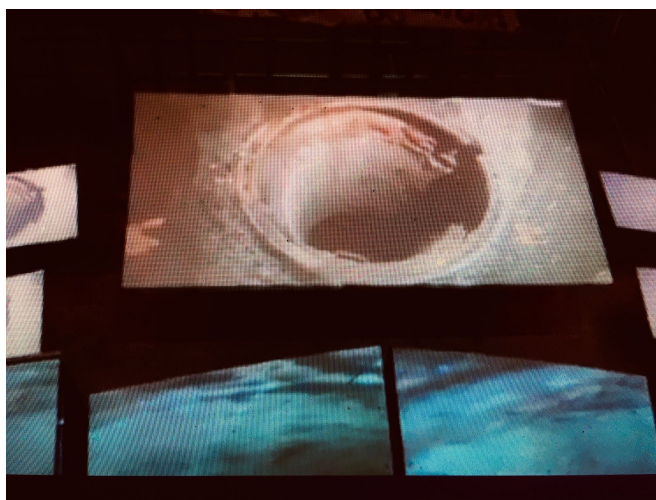
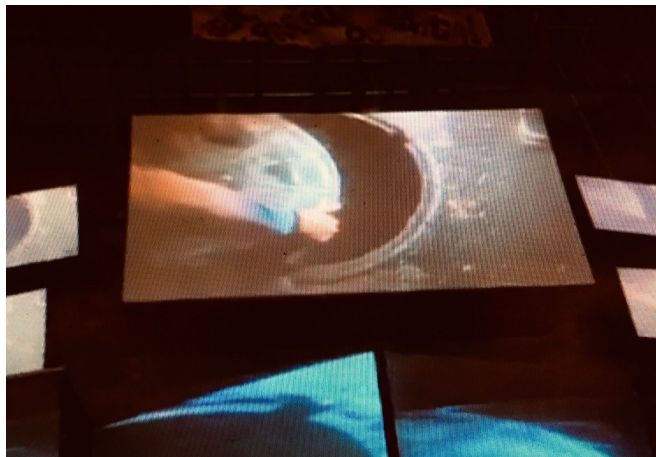
tekoha

humus

donna haraway

teat(r)o oficina

1 tríptico: abertura de galeria do rio do bixiga. a ação é parte dos movimentos pela criação do parque do bixiga e a consequente revitalização do curso do rio que atravessa o território do parque, 4m abaixo dos pés - e das patas.



a meu ver, todos os elementos são fluídos. a própria pedra é fluída (...) é a curta duração da nossa existência que nos faz qualificar como “duro” ou “mole” esse ou aquele material. o tempo desestabiliza esses critérios ²⁸

²⁸ PENONE G. (1978), citado por DIDI-HUBERMAN, G. Ser crânio: lugar, contato, pensamento, escultura. Belo Horizonte: C/ Arte, 2009, p. 51.

há quase 40 anos um território de 11 mil m² no bairro do bixiga re-existe ao avanço da especulação imobiliária compulsória em são paulo. último chão de terra livre no centro da cidade, as terras entre as ruas jaceguai, abolição, santo amaro e japurá, onde habita o teat(r)o oficina²⁹, são um vale fértil, onde se atualiza, ao longo dos anos, uma luta cosmopolítica³⁰ pela vida. no encontro entre humano e chão, chão e teatro, teatro e cosmos, cosmos e... pequenos brotos de abacate nascendo nas galhadas de um tronco-quase-seco derrubado pela tempestade, a tempestade e o balanço da árvore cesalpina, plantada pelas mãos de lina bardi, o balanço e a queda do muro que entremeava o dentro e o fora entre o tronco e a copa - um ato mesmo de acupuntura cosmopolítica para abertura dos espaços. esse território está situado em uma parte considerável da planície de inundação do córrego do bixiga, o que se traduz, ao longo dos anos - como em grande parte da cidade de são paulo, construída sobre rios - no comprometimento da permeabilidade dos solos e outros declives dos processos de uma urbanização fissurada: como enchentes e inundações.

²⁹ Companhia de teatro brasileira mais longeva em ação ininterrupta no país, situada no bairro do Bixiga, periferia central de São Paulo. Seus rituais de teatro são atravessados por forças dionisiacas, artaudianas e cosmopolíticas. É dirigida pelo ator e dramaturgo José Celso Martinez Corrêa e um núcleo de artistas de diferentes gerações e mundos de visão, que fazem da companhia uma simbiose de subjetividades, uma constelação, um acontecimento de teatro ligado à vida, à cidade, à terra e ao cosmos.

³⁰ O cosmos e a política aparentemente não se misturam e justamente por isso, será preciso operar a transubstanciação de um, no outro. Uma palavra lava a outra e cria um mundo a partir de uma fricção entre seus poros. É preciso que as forças cósmicas, potências da matéria, operem por desintoxicação da política como a conhecemos. No Teat(r)o Oficina falamos muito nessa língua. A política, esse pedaço de carne ferida, precisa de unguentos novos para cicatrizar machucados antigos, feitiços novos para funcionar de novo e em outras formas. Se trata também de uma devoração e de um drible epistêmico. Não abandonar a palavra, mas lutar por ela. Como em alquimia existem as qualidades dos elementos, no candomblé existem as qualidades dos orixás, no teatro existem as qualidades das entidades, os cavalos que recebem as forças da cena... em política será preciso limpar as toxinas da palavra para reativar as qualidades adormecidas no tempo. A partir de agora e onde mais se encontre "cosmopolítica", leia-se: capacidade de capturar, antenar, plugar, ter ressonâncias com potências cósmicas que operem novas forças de poder, e poder de transmutação das carcaças fraturadas. Por isso, também me alio aos modos como a expressão funciona para a filósofa da ciência, Isabelle Stengers, não exatamente como um conceito, mas como proposição, proposição de práticas para construir mundos, e mundos em comum, jamais para uma unificação estúpida, mas em direção à potencialização dos encontros, conectar práticas no manguê das multiplicidades, num dilatar das coisas para a amplificação total do que "política" nos diz. Cosmopolítica: políticas de instauração contínua de cosmos, perspectivas, existências, não mais para segregar, mas para criar composições infinitas. cosmopolítica também são as mãos da minha mãe para cuidar da terra, são práticas do teat(r)o oficina na feitura das peças, é uma pausa de mil compassos, etcetera.



a 4 metros abaixo dos pés - e das patas, no epicentro nevrálgico dessas terras, corre, confinado em galerias de concreto, o rio do bixiga - cuja bacia vem descendo desde o platô da avenida paulista, até desaguar no vale do anhangabaú.

é de 1893³¹ o início das obras de retificação do canal, e consequente canalização do ribeirão do anhangabaú, seguidas por processos de canalização subterrânea (tamponamento) dos córregos a ele ligados (itororó, saracura e bixiga) e seus cursos - já na década de 30 estavam todos totalmente soterrados em galerias.

o que se passa entre o córrego e a terra talvez tenha sido auscultado pelas aves que sobrevoam este espaço aéreo, construindo uma espécie de mapa vital através de rotas de re-existências: dos galhos secos do abacateiro caído, de onde nascem brotos-verde-fluorescentes, até à copa das árvores que vivem no bosque da casa de dona yayá³², e de volta, à juba-cheia da cesalpina, fazendo ninhos no teto de vidro do teat(r)o oficina: se estamos atentos, dias imensos de *ornitologias*³³ serão capazes de captar vibrações dessa atmosfera, suas intensidades construindo mundos.

³¹ GOUVEIA (2016)

³² Antigo casarão do Bixiga, residência de Sebastiana de Melo Freire, conhecida como dona Yaiá, posteriormente se transformou em sua clausura. Construído no século XIX, é considerado um dos últimos sobreviventes do cinturão de chácaras da região central de São Paulo. Hoje é sede do Centro de Preservação Cultural da Universidade de São Paulo (USP). A Casa de dona Yayá faz parte dos 5 bens dentro da área envoltória ao Teat(r)o Oficina, tombada e protegida pelos órgãos de proteção ao patrimônio, composta ainda pelo TBC (Teatro Brasileiro de Comédia), o Castelhinho da Brigadeiro, e a Escola Primeiras Letras.

³³ Palavra entre ornitologia - estudo e observação de aves - e orgia - ETIM lat. *ōrgia, iōrum* 'mistérios de Baco'. Nos processos de produção de pensamento do Teat(r)o Oficina, gestados nos ritos teatrais das palavras encarnadas no gesto, diz-se orgia: o carnaval, a multidão num estádio de futebol, o público num teatro de estádio, uma revoada de pássaros, o estouro da boiada, um cardume de peixes... qualquer atmosfera em que se pratique ser muitos, em metamorfoses coletivas. Os limites se confundem, as fronteiras são borradas. *Ornitologias*, assim, flerta com alguma coisa entre o devir-animal e as relações multiespécies: alianças não humanas: observação e incorporação de práticas de existir com, de fazer junto, a revoada dos povos, não sendo, portanto, relativo a prática de atos sexuais entre humanos e pássaros, se porventura lhes ocorreu.

num ofício minucioso-poético, imaginar e dar testemunho desses trajetos de fertilização da vida: biomultiplicidades - eis um trabalho a ser feito. rituais de coexistência, como em alquimia, apontam o percurso da luta neste sítio, encarnada no combate a um modo de vida capital-especulativo nas cidades. parque das terras do bixiga, teatro-parque, lina bo bardi, sítio arqueológico, roça do rio... do bixiga, de são paulo, de um cosmos, em relação com outros cosmos,

**em luta surda,
mas emocionante,
pra quem consegue perceber,
através de séculos sem conto,
entorpecida sempre
pelos agentes adversos,
mas tenaz,
incoercível,
num evolver seguro,
a Terra, organismo vivo,
transmuda-se de dentro para fora
- Intussuscepção,
indiferente aos elementos
que lhe tumultuam a face.³⁴**

auscultar, do latim, *auscultare*: dar ouvidos, é um termo técnico para a escuta dos sons internos do corpo, que pode ser feita tocando diretamente um corpo com o ouvido ou através de um instrumento conhecido estetoscópio. consiste em investigar os ruídos do sistema circulatório, respiratório e gastrointestinal: uma espécie de escuta dos fluxos subterrâneos, afinal.

³⁴ CUNHA, Euclides da. Os Sertões. São Paulo: Ubu, 2019.

só podemos atender ao mundo orecular³⁵

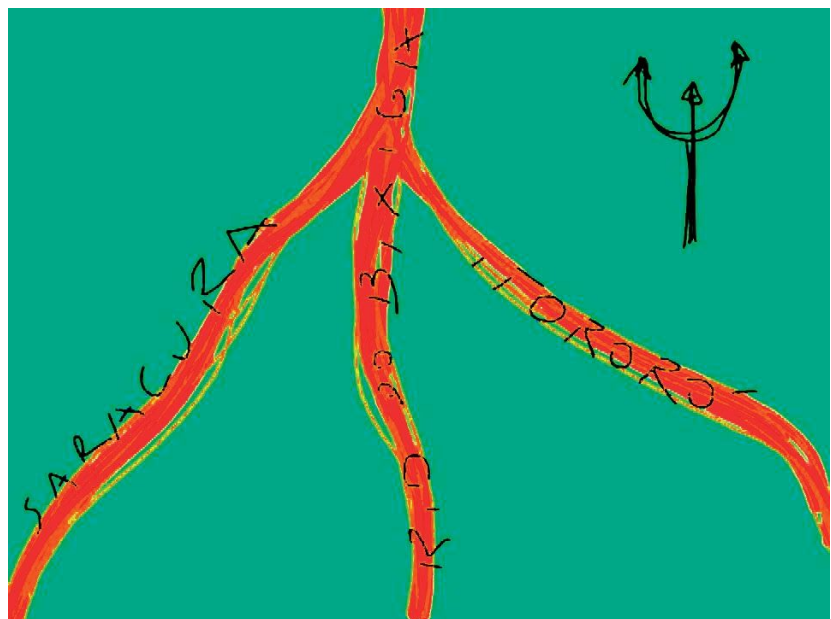
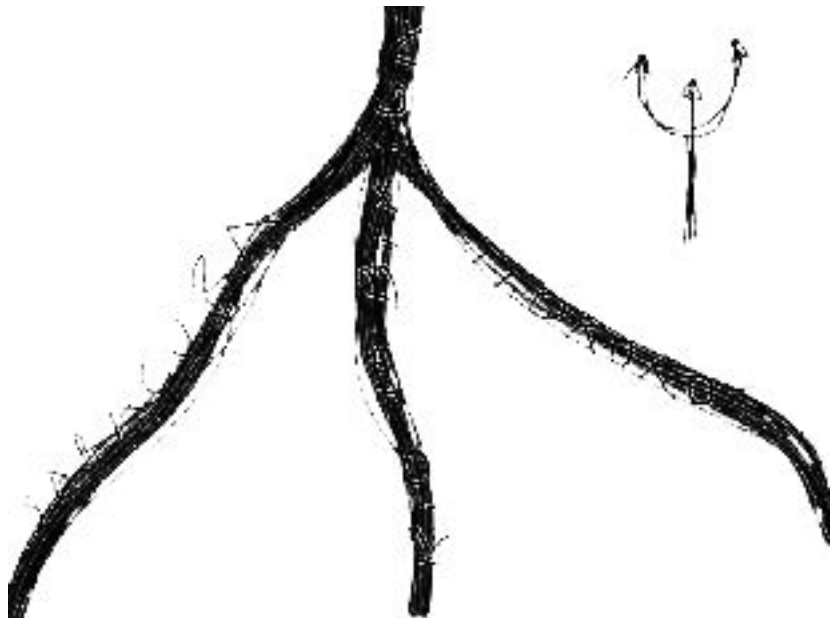
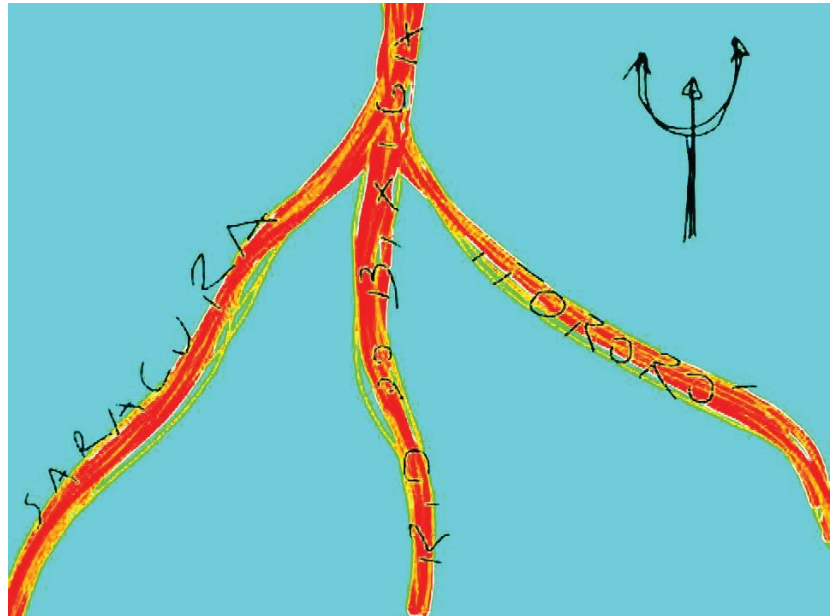
no dia 5 de junho de 2019, um rito de acupuntura urbana - o 4º de grandes proporções na luta pela criação do parque do bixiga - lançou uma flecha em direção ao desmassacre desse território: num gesto vital, foi aberto pela primeira vez o bueiro que dá acesso às galerias de concreto que mantém confinado o rio do bixiga, entre as ruas japurá e bixiga, pra auscultar³⁶ o seu pulso, seiva soterrada. em são paulo, segundo pesquisa do projeto *rios e ruas*, a qualquer ponto em que pisem os pés - ou as patas -, estamos a 150-200m de um rio. grande parte das ruas por onde vamos são cursos de rios soterrados pela sanha de uma urbanização descabeçada. no bixiga, três rios (saracura, itororó e bixiga) compõem uma bacia hídrica e correm em direção ao vale do anhangabaú, onde antes se formava uma planície fluvial, enterrada na construção da capital que agora sofre com inundações, desequilíbrios urbanos e impermeabilidade dos solos: efeito dos cursos d' água confinados em galerias, asfixiados em canos de concreto ao longo dos anos.

assim como o ruralismo e o agronegócio, a mineração e as barragens, as madeireiras e a exploração de combustíveis fósseis, a especulação imobiliária e a compulsão falocêntrica por torres de cimento que arranham o céu ferem de morte territórios existências e ecossistemas vitais. a especulação imobiliária constrói cidades para necrose. são áreas ásperas, implantadas de maneira brutal, seja pela demolição desenfreada de construções humanas e não humanas *que-já-não-servem-mais*, seja pela criação compulsória de uma arquitetura patriarcal violenta, de constante atualização colonial, especista, segregacionista, sem imersão/relação/simbiose alguma com as biosferas que modificam. a especulação imobiliária não é um problema das cidades, ou fabricado por elas.

³⁵ *Mundo orecular* aparece no Manifesto Antropófago (1928), de Oswald de Andrade. Mundo orecular é também uma devoração e uma prática da Universidade Antropófaga/Teat(r)o Oficina.

³⁶ Para escutar o rio: <https://www.youtube.com/watch?v=wh6DZ-heD9E>

a especulação imobiliária é o avanço de um modo perverso, hierárquico e supremacista de fabricar cidades para exploração, e ao mesmo tempo determinar os modos como cada vida capturada nos seus limites poderá ou não existir, e onde. é máquina de estraçalhamento de subjetividades e territórios como a mineração é máquina de comer montanhas inteiras, de forjar abismos secos onde antes existiam vales férteis, de fazer-desaparecer sem precedência picos, geologias e povos não humanos inteiros; como o garimpo come terra e florestas; como a monocultura - do pensamento, da agricultura e dos modos de vida - violam ecossistemas complexos e aniquilam biodiversidades do mangue às cidades; como o fundamentalismo político e religioso mastiga a força vital dos corpos e lhes injeta de volta a grande nódoa corrosiva dos extremismos, entupindo seus poros para a captação das subjetividades da mesma maneira em que soterram as águas urbanas. a especulação imobiliária avança sobre o bairro do bixiga, em são paulo, avança sobre o território indígena no jaraguá, avança sobre os tupinambás em olivença, na bahia, avança junto com a mineração sugando minas gerais - é preciso implantar torres de concreto e acabar com o ritmo, a cultura e as intensidades locais para receber os operários do massacre geológico e inaugurar os novos estilos de vida que irão vigorar nas cidades esterilizadas. as cidades também sofrem os efeitos das devastações da ação antrópica na terra. choque séptico nos tecidos urbanos, humanos e não humanos para espantar todas as potências de diferença. ceder à tara dessa forma de especulação da vida nas cidades, e a esse modo de criar o que chamamos cidade, é uma maneira de nos entregar às políticas de morte dos tecidos urbanos, da terra, e de nossos próprios corpos. não ceder, é uma importante força de vida, potência miúda, talvez, mas que em série e constelações produza sinapses suficientes para a criação de tecnologias de lutar-junto, de fazer-junto, de povoar-junto, de um ponto de vida cosmopolítico.



desta terra nesta terra para esta terra e já é tempo³⁷

a luta que se trava nas terras do bixiga, e o movimento que aspira a regeneração³⁸ do rio asfixiado, é também uma co-movência, uma força de muitas espécies, que se aliam à outras, e a muitos outros territórios vitais, onde se praticam modos de existir que reexistem – como em guarani se luta: tekoha³⁹. são lutas pelo direito à cidade, são lutas dos direitos não humanos; são lutas de imaginação, e de uma imaginação cosmopolítica; são conflitos entre maneiras de existir; são lutas pelo direito de existir de outra maneira; são políticas pela vida; são invenções de mundos, de outras histórias; são fabulações de povos⁴⁰ por vir, e que já estão.

³⁷ Oswald de Andrade.

³⁸ No dia 5 de junho de 2019 foi presentificado um projeto, exercício de imaginação política construído a muitas mãos, para um parque do rio do bixiga. Aliança entre Teat(r)o Oficina, artistas + coro de arquitetura cênica, Universidade Antropófaga, Escola da Cidade, sociedade civil, Lina Bo Bardi, Edson Elito, Aziz Ab'Saber e arquitetos/pesquisadores dos córregos da cidade de São Paulo, entre eles Newton Massafumi e Tânia Parma. Nas palavras de Marília Gallmeister, arquiteta do Teat(r)o Oficina, “a grande contribuição desse projeto é levar em conta essa última camada, que, na verdade, é a primeira, a da terra”. O córrego é o protagonista, e fazendo eco com Massafumi: ele corta transversalmente o terreno, e, renaturalizado, será cercado de trilhas de terra, em processos de restauração da fauna e flora originais.

³⁹ Em Guarani *tekoha* também quer dizer: lugar onde somos o que somos.

⁴⁰ Aqui, a palavra povo gesta um pensamento de Viveiros de Castro durante a aula pública os *Involuntários da Pátria*, que diz: “Povo” só '(r)existe' no plural – povoS. Um povo é uma multiplicidade singular, que supõe outros povos, que habita uma terra pluralmente povoada de povos.

mais de 40 territórios compõem a rede de parques de são paulo, que é uma simbiose em luta por áreas verdes-vitais na cidade. a luta dos povos indígenas pela vida da terra e a marcha das mulheres indígenas, margaridas e campesinas em agosto de 2019 tomaram brásília e ecoaram - *território: nosso corpo, nosso espírito*. uma *tekoha* - lugar onde se pratica um modo de existir que re-existe, como o *jaraguá é guarani*⁴¹, como o *teat(r)o oficina* é território de luta. denilson baniwa⁴² com a sua força gráfica reivindica e instaura: *brasil, terra indígena; são paulo, terra indígena*. os assentamentos da reforma agrária na grande são paulo e os grupos de consumo responsável de comida de luta, circulam a produção da agricultura urbana agroecológica; viveiros de sementes e oficinas de compostagem povoam hortas urbanas. os tupinambás de Olivença, com casé angatu⁴³!, sagraram o território do *teat(r)o oficina* e as terras do bixiga com sua dança e seu canto - *tupinambá vai te pegá vai te comê, tupinambá vai te pegá vai te comê!*. carcarás, suiriris, avoantes, papagaios, urubu, bem-te-vi, sabiás-laranjeiras, gavião-asa-de-telha, beija-flor-tesoura⁴⁴ ... são algumas das espécies que povoam o bixiga e criam rotas invisíveis de manutenção de ciclos vitais, de decomposição e polinização pelo bixiga. há movimentos atuando na restauração de rios, córregos e seus cursos na capital.

⁴¹ Ressonância da resistência do movimento Guarani de São Paulo pela demarcação de suas terras. Vivem na grande São Paulo mais de 2000 índios guarani, distribuídos em aldeias localizadas em duas regiões distintas: o extremo sul e o pico do Jaraguá.

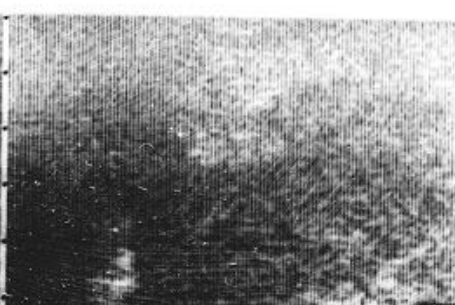
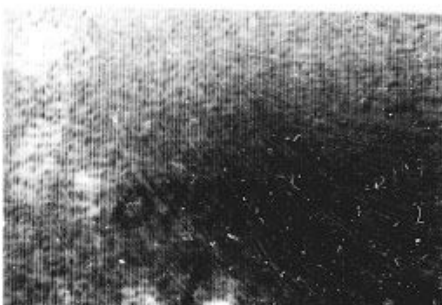
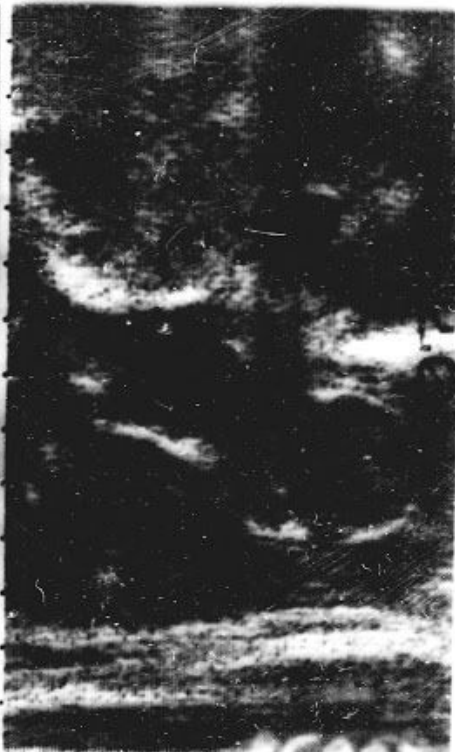
⁴² O artista indígena Denilson Baniwa produz uma série-potência de intervenções urbanas e discursivas com os grafismos "Brasil Terra Indígena", "São Paulo Terra Indígena" ... muitas vezes associado ao Yawareté Payé, pajé-onça: www.behance.net/denilsonbaniwa

⁴³ Casé Angatu Xukuru Tupinambá: indígena e morador no território tupinambá em Olivença (Ilhéus/Bahia) na aldeia Gwarini Taba Atã; docente da Universidade Estadual de Santa Cruz - uesc (Ilhéus/Bahia); doutor pela fau/usp; mestre pela puc/sp; historiador pela unesp; autor dos livros: "Nem Tudo Era Italiano - São Paulo e Pobreza na Virada do Século XIX-XX", "Identidades Urbanas e Globalização: constituição dos territórios em Guarulhos/SP" e do Artigo "História e Culturas Indígenas - Alguns Desafios no Ensino e na Aplicação da Lei 11.645/2008".

⁴⁴ Aqui, é possível acompanhar os fluxos de um ponto de observação de pássaros no Bixiga: <https://ebird.org/hotspot/L11740787?yr=all&m=&rank=1rec>

**o tempo linear é uma invenção
do ocidente, o tempo não é linear,
é um maravilhoso emaranhado
onde, a qualquer instante,
podem ser escolhidos pontos
e inventadas soluções,
sem começo nem fim** ⁴⁵

⁴⁵ Lina Bo Bardi.



contra todo o confinamento da vida será preciso alegria e coragem, e também poetas, cogumelos e fungos⁴⁶ – certas espécies têm a qualidade de acumular resíduos tóxicos e metais pesados em áreas de mineração, e em áreas de radioatividade também, evitando que alcancem a biodiversidade florestal, as plantas, nós. contra toda a asfixia da vida imposta em épocas de políticas estúpidas: banhos de manjerição roxo, alecrim, guiné e sal grosso, verdadeiras tecnologias para espantar os espectros do totalitarismo nos corpos. contra a especulação imobiliária, barricadas de árvores gestando florestas nas cidades. contra a monocultura fundiária e fundamentalista, os trabalhos dos terreiros que seguram a terra, as rezas dos guaranis que seguram quase tudo, as palavras-fogo de david kopenawa e a força da insurreição onde quer que ela arda: irresistível. todas essas forças, todos esses povos, humanos e não humanos, estão, neste momento, sustentando o céu sobre as nossas cabeças. somos também nós⁴⁷. aqui, agora.

**só nós mesmos podemos
nos representar,
ou talvez,
só nós podemos dizer
que representamos
a terra — esta terra.
não a “nossa terra”,
mas a terra de onde
somos, de quem somos.
somos os involuntários
da pátria.
porque 'outra'
é a nossa vontade⁴⁸**

⁴⁶ Cogumelos de micorrizas da *guloseima laccaria laccata* e fungos *pisolithus tinctorius*, por exemplo.

⁴⁷ E então há nós. Nós não é nem sujeito nem uma entidade formada, tampouco uma multidão. Nós é uma massa de mundos, de mundos infraespetaculares, intersticiais, com existência inconfessável, tecidos de solidariedade e de dimensões impenetráveis ao poder (...) os demasiado-vivos, os transbordantes, as corporeidades rebeldes. (TIQQUN, Contribuição para a guerra em curso).

⁴⁸ VIVEIROS DE CASTRO (2016)

as forças não cessam de compor umas com as outras formas sempre inacabadas, sempre por se fazer, desfazer, destruir, criar, a ponto de um não fixar perene, a ponto de um sempre movediço que opera na fronteira dos contornos, um contínuo infiltrar-se, um incessante *fazer-com*, com donna haraway⁴⁹: *we are humus, not homo, not anthropos; we are compost, not posthuman*. a transformação que não se estagna, a agitação e o repouso, o pulso, a composição e a decomposição, o músculo cardíaco, as guelras dos peixes, a pele das cobras, as sístoles e as diástoles, um casulo... talvez a tudo isso se diga: é a força vital. aqui, damos testemunho da construção de um mundo. contra soldados de concreto: matas ciliares! barricadas vegetais, minerais, animais, de povos mulher, lgbtq+, indígenas, pretas/es/os, teatros, terreiros, crianças, quilombos, escola de samba, de soltar pipa, de florestas ... água também se planta⁵⁰.

⁴⁹ Bióloga, filósofa e escritora, é professora do Departamento de História da Consciência na Universidade da Califórnia em Santa Cruz, onde ensina teoria feminista, estudos de ciência e estudos de animais. Seu livro mais recente é *When Species Meet* (University of Minnesota Press, 2007), que examina aspectos filosóficos, históricos, culturais, pessoais, tecnocientíficos e biológicos das ações inter e intra animais e humanos.

⁵⁰ Ernst Götsch, criador do conceito de agricultura sintrópica, trabalha com a produção de agricultura de processos na criação de agroecossistemas, onde, costuma dizer, coloca as plantas para "criar água": por exemplo, em relação ao sistema de água doce que circula entre a precipitação e a evaporação, se matamos a vida (plantas, animais...) reduzimos ou acabamos com a água, se plantamos vegetação estimulamos este sistema. O agricultor já recuperou 800 hectares de floresta atlântica no Brasil. Somam-se a isso inúmeros exercícios de horta urbana por todo o território nacional; cultivo e plantações em quintais; agroflorestas; permaculturas, recuperação de biomas nativos, florestas e matas ciliares etcetera.



EXU TEMPESTADE

tempestade
irresistível

do ardor

cosmotransmissores

cesalpina
lina bo bardi
semeadura
cidade
terra
poros
ailton krenak
rios voadores
iansã
tempestade
queda
estrume und mangue
rios
teat(r)o oficina
lutar-junto
emanuele coccia
a grande onda
abelhas
exu



1 teat(r)o oficina, volta do exílio. à esquerda, a abertura do jardim: primeiro cultivo da oficina de florestas, arando os pensamentos e a terra para a chegada da árvore cesalpina; e a palmeira magrela, sua primeira habitante.

**nós sonhamos com outras coisas,
mais clandestinas e mais alegres. não
faremos mais concessão alguma, já
que necessitamos menos delas. e
sempre encontraremos aliados que
queiramos ou que nos queiram ⁵¹**

dentro do mar, uma onda pega na altura do peito o esterno
de imediato o coração entra em outra frequência e dispara
o fluxo sanguíneo acelera, a carne quente hiperventila

sair do mar, deitar na areia
encontrar de novo os cascos do cavalo
retomar pra si o músculo cardíaco
o chão nas costas e os pulmões na ponta dos olhos
pregados no céu
que pulsa
azul-intenso feito faca:
taquicardia marítima

quando o mar atravessa o tórax
as moléculas do coração se misturam às moléculas de
água
e é preciso um rearranjo
criar naquele instante um corpo sem pânico
um novo estado de células sem contorno
de onde se possa romper as membranas entre o corpo e
o mar
entre os pulmões e o céu

o cão corre na praia e brinca de prender o mar entre os
dentes
morde, salta, lambe
liberdade grande
somos agora uma espécie de povo sem forma
povoado de muitas espécies, tipos e matérias

um estado de fragilidade é uma intensidade imensa

no japão há mais de 1000 anos um povo de mulheres
mergulhadoras
entra no mar com uma tecnologia da carne:
pulmões-coração em apneia
buscam pérolas e emergem
e de volta, e de novo

o citoplasma mantém a forma de uma célula
talvez seja preciso enganar o citoplasma
para encontrar as permeabilidades da carne

corpos d'água
pés, patas
areia
peixes, pernas
língua, mar

somos agora uma espécie de povo sem forma
fluído de intensidades vazantes:
expostos, se afetam

3 mil quilômetros, essa é aproximadamente a extensão dos cursos d'água soterrados na cidade de são paulo. 3 mil quilômetros equivalem a cerca de quase 500 rios apertados em galerias de concreto debaixo de nós agora. cidades são coisas estranhas. tem cidade de todo tipo, é verdade, e tem todo um tipo de fazer-cidade. fazer-cidade parece ser um quase-equivalente à separar e fazer-ruína, separar e construir em cima, segregar e massacrar, separar e esquecer: processos de classificação compulsória seculares, uma ancestralidade mesmo colonizadora, ocidental, falocêntrica, neoliberal, hierárquica, perversa, etcetera etcetera etcetera: cataloga, tipifica, cria espécies, sub-espécies, cataloga, tipifica, cria valores, cataloga, tipifica, cataloga, tipifica, cria modos de vida, modos de prisão, modos de asfixia. esses modos de fazer-cidade e viver geram exemplares de caixas biométricas embaladas à vácuo, de onde não se sai nem se respira e nem se pode morrer antes que se catalogue, tipifique e embale: esse fica, esse sai, esse vive, esse morre, aqui uma cerca, aqui um muro, aqui um muro, esse fica, esse sai.

**uma cidade é um implante na
paisagem, uma cidade é uma
coisa que nós botamos em
algum lugar, pode ser paraty,
mas pode ser nova york, mas
pode ser qualquer implante
que a gente faz sobre o
organismo da terra. as
ausências são construídas
também com esses
assentamentos, nós estamos
criando ausências nesses
lugares do significados que
eles têm para os povos que
viveram e vivem nesses
lugares...**⁵²

⁵² Fala de Ailton Krenak, no barco da flipei, durante a FLIP 2019.
Cosmologias indígenas: palavras que carregam mundos.

cidades são coisas estranhas, e nós, gente, bicho, planta, rio, terra, estamos todas nas suas entranhas, somos todas coisas estranhas, temos com as cidades reais reações/ligações fisiológicas, éticas, encruzilhadas. não há *correr para as montanhas*, nós somos as cidades e as montanhas, implantes no implante. a partir deste ponto de inflexão, trata-se muito mais de um fazer-fugir⁵³ perene, fazer-correr tudo o que nos aliena de nós mesmos, da cidade, dos territórios existenciais que povoamos e nos povoam e de seus ritos de vida-junto, num mesmo plano, platô, atmosfera. se limparmos as ruínas das construções que criamos e demolimos encontraremos outras, se removermos os escombros das sobreposições de camadas a que chamamos cidades encontraremos outros, é preciso olhar para as nossas ruínas e deixar que nos olhem de volta. não se trata, então, se abandonar as cidades e fazer outras para onde quer que se fuja, mas de metamorfosear o que chamamos cidade, quebrar palavra e arquiteturas, não mais reinventando modos de urbanizar, mas formas de florestar, permeabilizar, regenerar, territórios onde vivam juntos povos humanos e não humanos. os pontos de contato, as zonas de vizinhança, a pele e a terra, as confluências, serão ferramentas importantes neste processo de invenção e reviradas dos modos de fazer e habitar territórios, fronteiras, terras, cidades, florestas, em comum, rachando com isso a dicotomia público-privado, apresentada e construída durante muito tempo como a única maneira de operar os espaços nessa carcaça anacrônica que já não nos cabe mais, e onde já não cabemos.

⁵³ São as linhas de fuga, em Gilles Deleuze, é também o pé de alecrim florindo no quintal da casa. é preciso ter mão para alecrim.

**fugir não consiste em sair
da situação para ir embora,
mudar de vida, evadir-se;
implica, obrigatoriamente,
uma redistribuição dos
possíveis que desembocam
numa transformação ao
menos parcial,
improgramável,
ligada à imprevisível criação
de novos espaços-tempos,
de agenciamentos
institucionais inéditos;
fazer fugir algo,
fazer fugir um sistema ⁵⁴**

são emergenciais as transmutações nas formas como esses implantes são feitos ao longo de muita gente e muitos anos. água se planta, cidades também precisam se plantar. há sempre uma terra embaixo de cada cidade e rios passando por debaixo dela, toda espécie de seivas: riachos, nascentes, raízes, rizomas, minhocas, formigas... há uma constelação submersa nos solos e buracos de minhoca nos céus. há ainda os rios que passam sobre as nossas cabeças, vitais para a vida humana, para a vida das plantas, para os ecossistemas e para as produções agrícolas. são maciços flutuantes, chamados rios voadores, produzidos, por ex, pela transpiração das árvores amazônicas que distribuem a água para regiões imensas da américa do sul - cerca de 20 bilhões de toneladas (ou 20 bilhões de litros) de água são produzidos todos os dias pelas árvores da bacia amazônica. esses grandes rios aéreos podem transportar mais água que o rio amazonas em forma de vapor e umidade, levando chuva para regiões do brasil, do paraguai, do uruguai e da argentina.

⁵⁴ Deleuze e Parnet (1998).

nós habitamos um vão, sempre um entre, estamos entre as coisas que passam, substâncias, matérias, rios, pessoas, elementos, emoções... somos o que passa e envolve, somos também a própria fresta, e no entanto, estamos atentos? salubá nanã, orixá das passagens, a que abre o vão e o véu entre os mundos, vida e morte e vida, existe uma política ligada às guelras dos peixes e aos nossos poros - mantê-los em movimento, lubrificar as sensibilidades do corpo, não esquecer de respirar, são trabalhos para a permeabilidade das coisas, e das nossas permeabilidades com elas. são tecnologias para transformações políticas. mas também há as políticas do desmatamento, os mata-mato, mata-gente, as políticas da supremacia de sistemas econômicos avançando contra as políticas da terra, dos povos insurretos, dos corpos dissidentes, dos biomas e biosferas. é preciso retomar as tecnologias de luta ancestrais e futuras, das ervas, dos bichos, do transe, do teatro, da fervura dos chás, da carne, do vivo, dos unguentos, dos mantos tupinambás, dos sexos e desejos dissidentes... é vital reativar⁵⁵ a magia, o animismo, o inconsciente, o invisível. as forças econômicas sistêmicas, supremacistas, de especulação da vida, sabem conduzir seus ritos. não nos esqueçamos de dar de comer aos nossos.

⁵⁵ Reativar significa reativar aquilo de que fomos separados, mas não no sentido de que possamos simplesmente reavê-lo. Recuperar significa recuperar a partir da própria separação, regenerando o que a separação em si envenenou. Assim, a necessidade de lutar e a necessidade de curar, de modo a evitar que nos assemelhemos àqueles contra os quais temos de lutar, tornam-se irremediavelmente aliadas. Deve-se regenerar os meios envenenados, assim como muitas de nossas palavras. STENGERS, 2017

toda a vida de que necessitamos para viver – trigo e arroz, tomates, maçãs, vacas, porcos, tudo o que comemos –, foi exilada. e toda a vida que não fazia parte de nossas necessidades foi mantida ainda mais distante, em espaços chamados florestas, literalmente o extremo exterior – uma espécie de campo de refugiados para toda a vida que não nos diz respeito. é, pois, consolador pensar que a vida não humana vive em outra parte, fora da cidade, na floresta/campo de refugiados, permitindo-nos esquecer que o espaço que chamamos de cidade é um espaço que não nos pertence. paris, londres, roterdã, milão, nova york não eram desertos minerais antes da chegada do homem. eram espaços habitados por outras espécies. eram cidades não humanas. é a partir de um desses campos de refugiados – do futuro –, que esse novo vírus chegou à cidade, como para lembrar-nos que o futuro não pode ser afastado. nenhum distanciamento social pode nos proteger de nosso tempo: ocasião para reescrever um novo contrato urbano. o espaço do futuro deverá acolher o maior número de espécies. somente assim será possível desvencilhar-se da oposição entre cidade e floresta ⁵⁶



**èṣù, a boca que tudo come, nos diz justamente "vá e devore o mundo!"
èṣù provou tudo por nós e com paciência, sùúrù, tudo pode ser aprendido e
apreendido. èṣù é a lição, o ensinamento, a palavra, a ética, o acordo, a troca
e o compromisso. èṣù é o átomo, é o elétron, é a célula, é o cromossomo, é a
sinapse, é o cruzo da mão única. èṣù está na vida das possibilidades. èṣù é o
corpo que vai além do que está posto. èṣù rompe o dogma, os padrões e a
mão única. èṣù está conosco. èṣù é a controvérsia ⁵⁷**

⁵⁷ Fala do Professor Sidnei - Babalorixá // Doutor em Semiótica pela USP

foi nos anos 80 que a arquiteta lina bo bardi plantou uma árvore cesalpina (*caesalpinia peltophoroides*) no jardim do teat(r)o oficina. em 1978, com a volta do exílio, a criação do jardim, pequena oficina de floresta, foi o gesto vital de encontrar a terra em meio ao concreto. em 2019, em uma forte tempestade de verão em são paulo, no bixiga, a cesalpina derrubou o muro de tijolos embaixo do janelão de vidro que sustenta seu corpo entre o dentro e o fora. tempestades de verão são fenômenos conhecidos pela fricção entre o calor que sobe do asfalto e encontra as nuvens mais próximas (de carga negativa), e dessas com outras nuvens acima, mais altas e mais frias (de carga positiva). junta-se ao choque entre grande calor, umidade e frio, a formação de uma grande descarga elétrica que culmina em raios, relâmpagos e trovões, rompendo a atmosfera em direção à terra. como os raios de iansã rasgam os céus, não se segura uma tempestade. uma árvore derruba o muro e abre os planos já há muito descobertos entre o oficina e a cidade, especialmente entre o oficina e o terreno entorno, para onde a cesalpina aponta sua copa e deixa passar o vento. pouco sabemos sobre os rios urbanos, e no entanto as árvores talvez os toquem intimamente e eles as percorram lambendo suas raízes de volta, há aí um pequeno encontro político que não pode mais ser ignorado.

**quando voltei do exílio
vim com mania de arrancar todo cimento
q cobria a terra**

arrebentamos o chão de cimento num retângulo, temos tudo filmado... o dia q a terra jorrou no canteiro foi uma grande festa. toda gente de atuadores daquele tempo nadaram na terra fresca. lina levava sempre matinho q ela encontrava pelo caminho, ou mesmo do entorno da casa de vidro. com uma delicadeza muito grande, um prazer muito carinhoso ia mexer na terrinha. algumas replantava na terrinha do jardim outras colocava num vasinho numa mesa de trabalho elegante simplérrima, q montava no campo da obra do teatro terreiro eletrônico. na impossibilidade das 3 palmeiras imperiais, decidiu então pela cesalpina q plantou com muita concentração y simplicidade de sempre. eu nem sabia q seria uma árvore tão grande y forte. ela devia saber mas não chegou a ver o salto revolucionário da árvore no muro. morreu em 1992 quando estávamos no festival de curitiba, fazendo "as boas" de jean genet. comecei a me lembrar mais, mas por enquanto são essas lembranças q t escrevi q começaram a me acordar ... me alegrei com tua felicidade no seu citerron cheio de plantinhas no quintal de sua nação de nascimento. minha praia está sendo com os ianomâmis na "queda do céu" q releio y apreendo a ser xamã de "a morta"

58

cesalpinas são árvores de crescimento rápido, com grande capacidade de resistência em situações adversas e podem viver por muito tempo, muitas são centenárias. o tempo de vida da cesalpina que habita o chão de terra do oficina acompanha o tempo de vida de uma luta contra o avanço da especulação imobiliária compulsória nas terras do bixiga. as práticas de teatro no oficina são também práticas de vida, há entre o teatro, a cidade e a terra um pulso eletromagnético que os atinja, um pragmatismo vital: nos modos como se existe junto, nos modos como se luta junto, ali, a vida se mistura. a cesalpina é uma protagonista importante, uma subjetividade latente, um organismo que, se estivermos atentos, nos aponta caminhos, formas de existir, ferramentas de atuação, cruzamento, é um híbrido-vital: traz no seu corpo, das raízes à folhas, a potência da insurreição de viver entre os espaços, de achar passagem, de furar o concreto, de sobreviver entre os espasmos: nasce dentro do teatro, cresce fora para a cidade, como uma flecha, sinaliza a vocação deste espaço entre as ruas jaceguai, santo amaro, japurá e são domingos, como um território de grande fertilidade ecológica, arqueológica, histórica, uma comunidade multiespécie, regida por uma ética da reexistência pela mistura, um vale de rios por onde passa o rio bixiga, uma terra ainda livre das especulações mortíferas de um capital imobiliário obscuro.

desde a idade de seis anos,
eu tinha a mania de
desenhar a forma dos
objetos.
por volta dos cinquenta,
havia publicado uma
infinidade de desenhos,
mas tudo o que produzi
antes do sessenta não
deve ser levado em conta.
aos setenta e três,
compreendi mais ou
menos a estrutura da
verdadeira natureza, as
plantas, as árvores, os
pássaros, os peixes e os
insetos. em consequência,
aos oitenta, terei feito
ainda mais progresso; aos
noventa, penetrarei o
mistério das coisas; aos
cem, terei decididamente
chegado a um grau de
maravilha, e quando eu
tiver cento e dez anos,
para mim, seja um ponto,
seja uma linha, tudo será
vivo ⁵⁹

⁵⁹ Katsushika Hokusai, artista japonês do período Edo. Há uma obra bastante conhecida de Hokusai, chamada A grande onda de Kanagawa (1831). Esse trecho precioso de Katsushika encontrei lendo Hilda Hilst, no seu "Estar Sendo. Ter Sido" (2013)

no teat(r)o oficina, mesmo antes de descobrir palavras como cosmopolítica, aliança, devoração, já se criava com elas, já eram corpo, gesto e intensidades: pensamento é também uma víscera. pessoas estão ligadas a outros seres vivos em vários lugares, neste momento. há também muitos de nós apartados do que vibra e é cerne de vida, corrompendo, aniquilando, sufocando, perseguindo, matando o que não é espelho, o que é medo: não interessam outros seres vivos. há também, neste exato momento, outros tantos de nós acesos, como âmbares elétricos, feito centelhas conectadas umas às outras e a tudo o mais que é preciso para estar vivo e cuidar da vida: essas são, de repente, espécies de seres com os pés-antenas para os centros da terra e as cabeças-antenas para o cosmos: forças da natureza, entidades, objetos, emoções, elétrons, palavras, peles, plantas, insetos, os poros... as coisas abrem e fecham, e tornam a abrir, e a tudo isso talvez se diga: política - pequena, cósmica, poética, pragmática, vital: política.

a possibilidade de algumas abelhas trabalhadoras cruzarem os limites entre os ninhos, ou seja, abandonar a colmeia de nascimento e se juntar a uma outra, uma colmeia de sua escolha, era vista como algo impossível. ou melhor, tinha-se como verdade que as abelhas nativas, as abelhas naturais do local, as legítimas, membros do ninho, perseguiriam esses intrusos e expulsariam eles. ou pior, podiam simplesmente resolver matar, matá-los, serem assassinas, por maldade ou por autodefesa, não importa. pois bem. ao contrário de tudo que se sabia até então, uma razoável maioria de 56% de abelhas trabalhadoras muda de ninho ao longo da vida. elas se deslocam para outras colônias não só como visitantes, invasoras, indesejadas, marginalizadas, discriminadas criaturas; elas se mudam como membros plenos e legítimos da comunidade adotiva, recolhendo nutrientes, alimentando e preparando as ninhadas nativas da mesma forma que as trabalhadoras locais. a conclusão é que os ninhos que foram visitados pelos pesquisadores eram compostos por populações mistas, onde abelhas nativas e imigrantes trabalhavam lado a lado, ombro a ombro. além disso, eles descobriram que a fluidez nessa adesão, essa perpétua mistura, é a norma entre os insetos sociais, aparentemente implementada entre eles de maneira muito natural, sem a ajuda de comissões legislativas, projetos de lei, tribunais superiores ou campos de refugiados ⁶⁰

quando vamos enfrentar uma luta urbana contra as formas de especulação da vida nas cidades, se vamos criar parques, redes, hortas, viveiros, agroflorestas, se vamos plantar água, lagos, peixes, justiça social, se vamos fraturar os regimes de normatização violenta dos corpos e das vidas, se vamos puxar o tapete das estruturas falocêntricas e rachar as atualizações perversas da corte colonial - esse aplicativo tradicional brasileiro que ganha novas versões a cada ano - se vamos arar a terra e plantar nossa força vital antinecroses, se vamos levantar barricadas antirracista, antipatriarcais - e de lá ninguém nos tira, se vamos deixar vir os corpos sem nome, sem gênero, sem forma, se vamos abrir as gaiolas e deixar viver as abelhas e aprender a viver com elas... importa que façamos juntas.

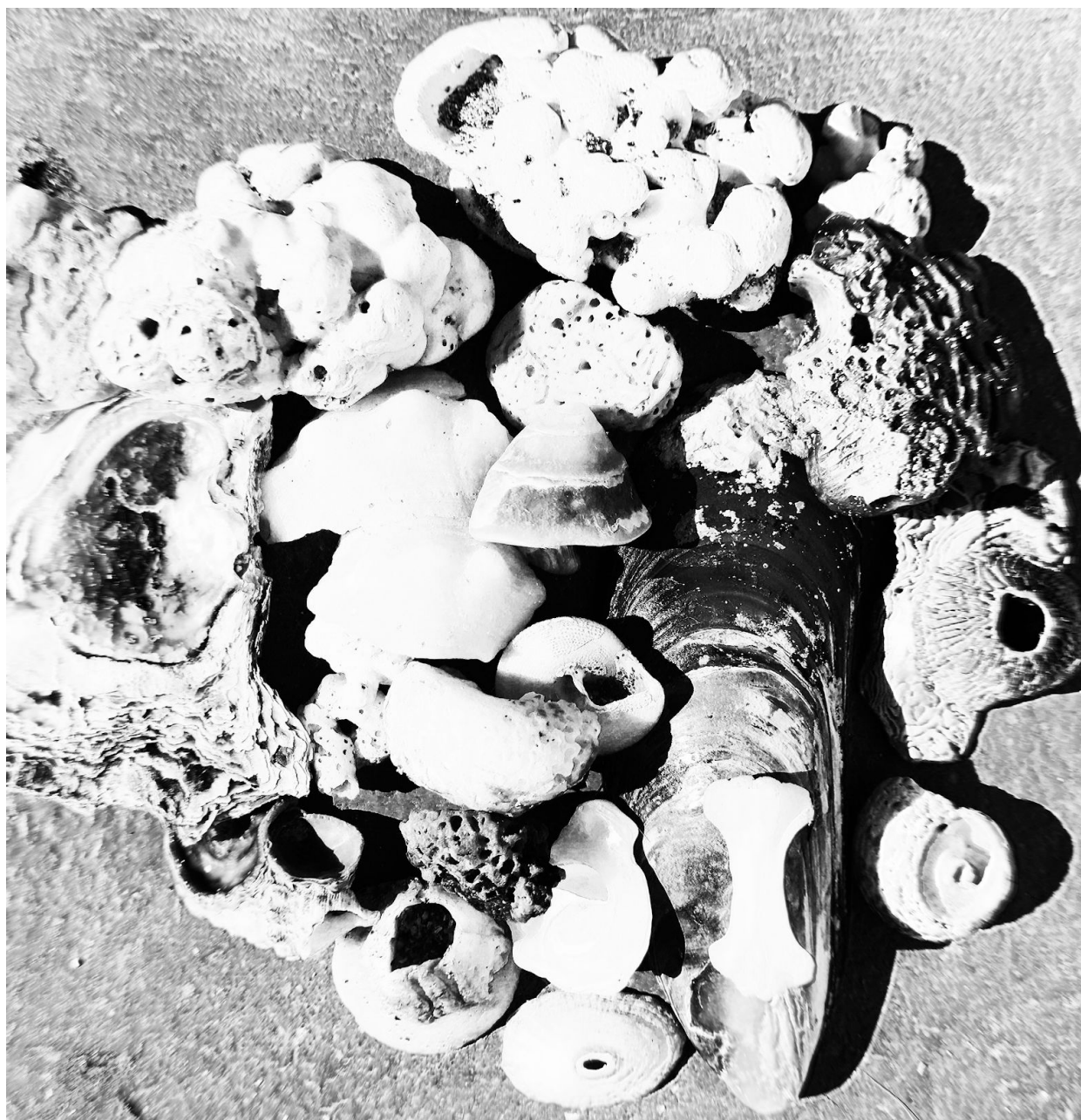
a agrofloresta e a permacultura mostram aos povos da floresta que existem pessoas nas cidades viabilizando novas alianças, sem aquela ideia de campo de um lado e cidade do outro. (...) em diferentes lugares, tem gente lutando para este planeta ter uma chance, por meio da agroecologia, da permacultura. essa micropolítica está se disseminando e vai ocupar o lugar da desilusão com a macropolítica. os agentes da micropolítica são pessoas plantando horta no quintal de casa, abrindo calçadas para deixar brotar seja lá o que for. alas acreditam que é possível remover o túmulo de concreto das metrópoles ⁶¹

⁶¹ KRENAK, Ailton. *Plantar horta na cidade é fazer micropolítica* [Entrevista concedida a William Helal Filho], O Globo, Rio de Janeiro, 2017.
<<https://oglobo.globo.com/sociedade/conte-algo-que-nao-sei/plantar-horta-na-cidade-fazer-micro-politica-diz-lider-indigena-ailton-krenak-22153762>>

pensamos muito sobre lutar e sobre política, e sobre mudar, pensar e mudar de novo, e mover sempre. as estratégias para não sucumbir ao que chamamos fascismo, violência, abuso, hierarquia, ou simplesmente covardia de gente e de estado... precisam ser, cada vez mais, estratégias vitais, sensíveis de corpo e pensamento a tudo que passa, atravessa: uma talvez ética da mistura, de fato, atenta às encruzilhadas. para criar modos de viver a cidade e modos mesmo de fazer o que chamamos cidade é preciso dar conta de nós mesmos dentro delas, e também dos rios que correm constrangidos em galerias de concreto, será necessário saber onde estão as nascentes e o que podemos fazer por elas e ao lado delas, será necessário nos aliar às forças em movimento de vida que são também monções em direção à constituição dos povos: povos-mulher, povos-indígenas, povos-quilombo, povos-criança, povos-lgbtsq+, povos-pássaros, povos-rios, povos-plantas, povos-formigas, povos-abelhas, povos-vira-latas, povos-da-terra, do teatro, povos-poetas, cientistas - das universidades e das matas... povos-cardumes, tartarugas, vulcões, pirilampos, povos-avós, anciãos, povos-espíritos, imagens, povos-marés, tempestades, antigos, futuristas, povos-híbridos, ciborgues, samambaias, vírus, bactérias, povos-invisíveis, discretos, charmosos, terrenos e extraterrestres. e nesse plano de existências cruzadas, tecer alianças, sinapses, simbioses, reexistências. uma ética das metamorfoses, da mistura, da encruzilhada, talvez seja um composto de práticas de vitalidade, um circuito de exercícios de permeabilidade mútua, um órgão ligado ao mundo orecular, um modo e uma tecnologia para ensaiar uma cosmopolítica dos povos: plexo solar. para ativar uma quem sabe ética da encruzilhada, manter sempre abertas as passagens, evitar a todo custo os usos de arames, lacres ou muros. cerca não prende rio.

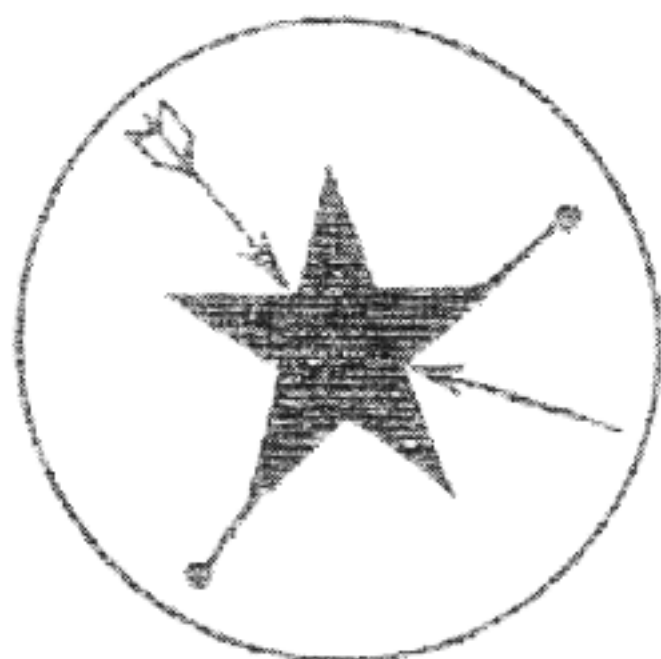
há uma grande tempestade de ardor irresistível⁶² esperando para cair sobre nós, os relâmpagos assustam e também iluminam a noite. é possível tatear o breu e esculpir as suas formas. novas formas. no lugar das flechas os arcos lançam raios que iluminam e acalmam o céu.

⁶² Transmutação da expressão *Sturm und drang* (tempestade e ímpeto ou ardor irresistível em tradução livre) do romantismo alemão para Estrume und Manguê, feita pelo Teat(r)o Oficina.



nossa vida já é uma vida plural, muito plural. nós, as espécies vivas, nunca vamos deixar de trocar peças, linhas, órgãos, e o que cada um de nós é, a que chamamos de “espécie”, é apenas o conjunto de técnicas que cada ser vivo emprestou aos outros. é por causa dessa continuidade de transformação que cada espécie compartilha um número infinito de características com centenas de outras. partilhamos o fato de termos olhos, ouvidos, pulmões, nariz, sangue quente, com milhões de outros indivíduos, com milhares de outras espécies. e em todas essas formas somos apenas parcialmente humanos. cada espécie é uma metamorfose de todas as que a precederam: é a mesma vida que inventou um novo corpo e uma nova forma de poder existir de maneira diferente. as espécies não são substâncias e nem entidades reais. são “jogos de vida”, configurações instáveis e necessariamente efêmeras, e de uma vida que gosta de transitar e circular de uma forma para a outra ⁶³

⁶³ Emanuele Coccia, durante o *Selvagem: ciclos de estudos sobre a vida*. Evento com mediação de Ailton Krenak que aconteceu no Jardim Botânico do Rio de Janeiro, em 2019.



EXU DAS MATAS

vazio vital

cosmotransmissores

vazio

seres não humanos

vento

invisível

entidades

encruzilhada

drible

passagem

ocupações efêmeras

povos que cuidam da terra

olho d'água

numa cidade entulhada e ofendida
pode, de repente, surgir uma lasca
de luz, um sopro de vento ⁶⁴



⁶⁴ Lina Bo Bardi, fala encarnada nos atos do Teat(r)o Oficina quando baixa Lina Bo Bardi, especialmente nas aparições no Parque Do Bixiga em movimento.

vazio. do latim *vacīvus*: desocupado, vago, livre, desprovido. que não contém nada ou quase nada. que contém apenas ar. que não encerra nada. que contém algo em pequena quantidade. cujo conteúdo foi retirado. que não é habitado. que tem falta de algo. diferente de cheio, povoado, habitado. espaço vazio. vão. parte da perna dianteira do boi, próxima à sua barriga. carneiro novo ⁶⁵

com essa lupa-tapa-olho etimológica e epistêmica aprendemos o vazio e apreendemos suas forças. receber do vazio uma nova epistemologia, criar no vazio e com ele um ponto de vida por onde chacoalhar suas formas, encontrar com essa palavra suas dobras, torcê-la, lambê-la, lavá-la. ficar com o vazio. escutar suas passagens. um vazio vital é um gesto de uma virada epistêmica, e mesmo ontológica, requer fôlego e algumas vezes silêncios. desacelerar a compactação maciça do mundo. abrir vãos, rachaduras, frestas, túneis, buracos, poros, olhos, ouvidos, bocas, infiltrações: vazios, por onde passar as forças, dar vazão, escapar os fluxos, o inacabado, o temporário, o efêmero, o precário, o vivo, o invisível e o visível, fora da régua dos agrimensores⁶⁶, do espaço, dos corpos, das palavras, e dos pensamentos.

deste primeiro verbete, e dos significados que chegaram com ele, ficaremos com quase nada, apenas ar.

~~vazio. —do latim *vacīvus*: desocupado, vago, livre, desprovido. que não contém nada ou quase nada. que contém apenas ar. que não encerra nada. que contém algo em pequena quantidade. cujo conteúdo foi retirado. que não é habitado. que tem falta de algo. diferente de cheio, povoado, habitado. espaço vazio. vão. parte da perna dianteira do boi, próxima à sua barriga. carneiro novo ⁶⁷~~

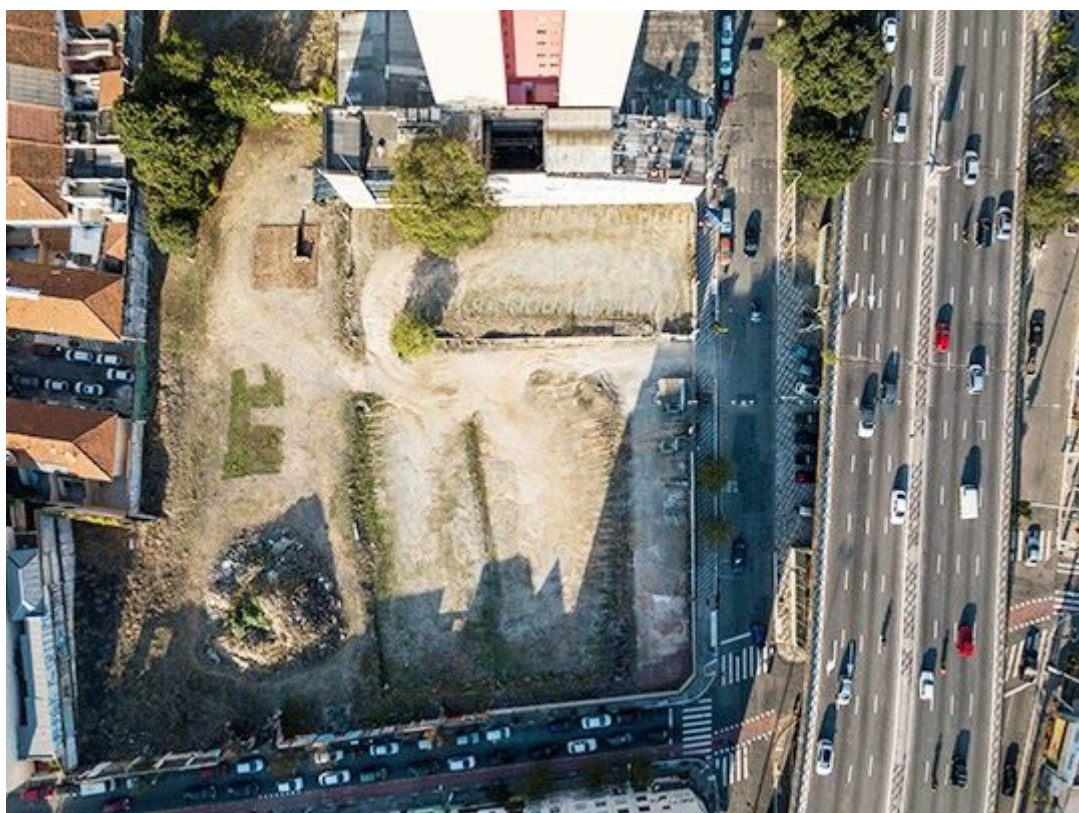
**o ar que respiramos, os oceanos e
as rochas são todos produtos
diretos de organismos vivos e
foram massivamente modificados
por sua presença ⁶⁸**

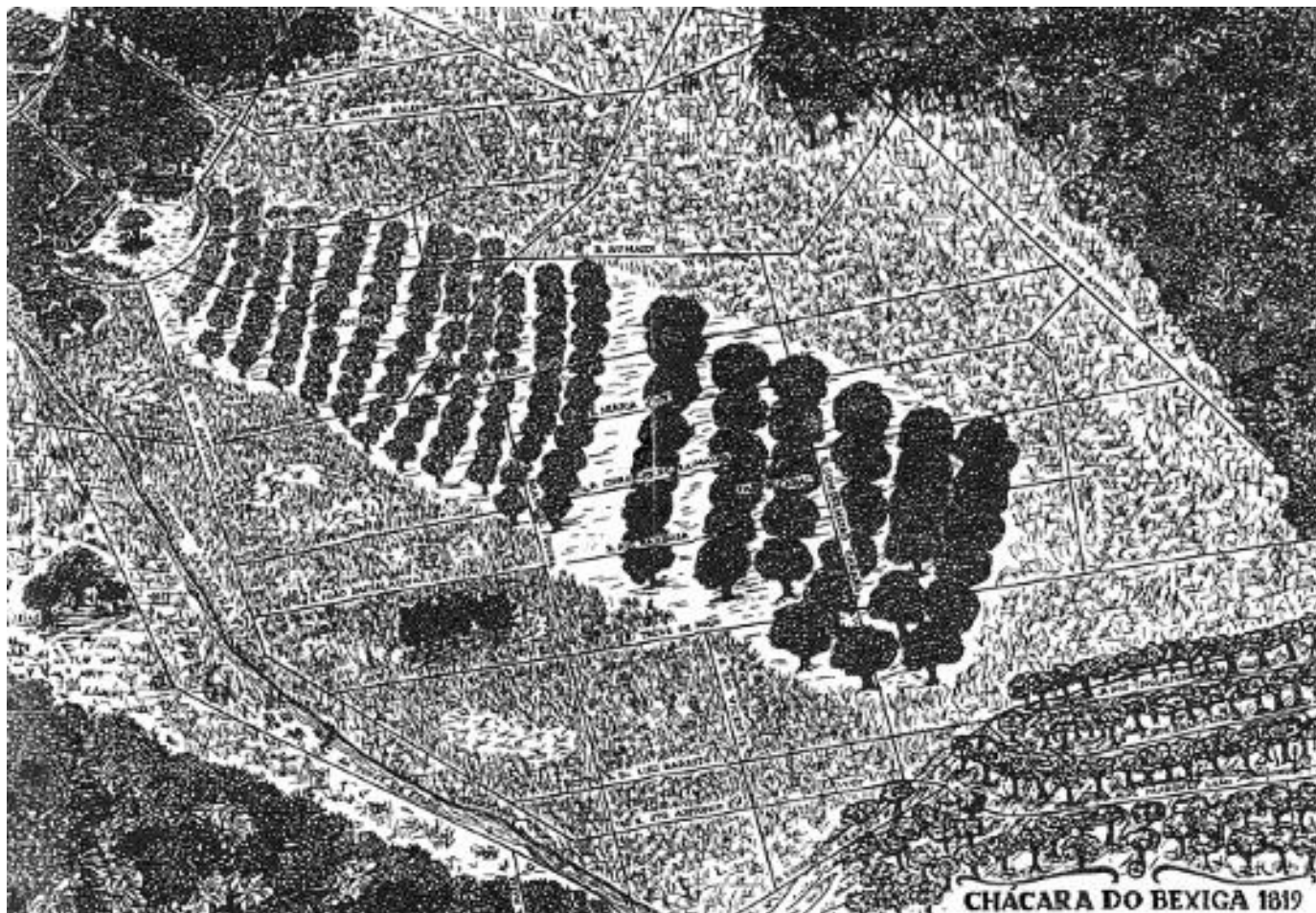
⁶⁵ in Dicionário Priberam da Língua Portuguesa <https://dicionario.priberam.org/vazio>
[consultado em 02-08-2020]

⁶⁶ Ver *A Parábola dos Três Olhares*, de Georges Didi-Huberman, sobre o agrimensor do visível.

⁶⁷ in Dicionário Priberam da Língua Portuguesa <https://dicionario.priberam.org/vazio>
[consultado em 02-08-2020]

⁶⁸ COCCIA (2018) p.51





quando há vida, o continente jaz no conteúdo (e é, portanto, contido por ele) e vice-versa. o paradigma dessa imbricação recíproca é o que os antigos já nomeavam sopro (pneuma). soprar, respirar, significa de fato fazer esta experiência: o que nos contém, o ar, se torna conteúdo em nós e, inversamente, o que estava contido em nós se torna o que nos contém. respirar significa estar imerso num meio que nos penetra com a mesma intensidade com que nós o penetramos ⁶⁹

⁶⁹ COCCIA (2018) p. 17

apesar do ar ser tratado como produto de segunda, terceira, quinta necessidade; apesar do céu no pantanal e na amazônia ver crescer nuvens volumosas de fumaças tóxicas, e também em minas gerais e em outros mil cantos do brasil onde se pratique o desmatamento via queimadas e vice-versa; apesar ainda da prática de asfixia compulsória contra os povos pretas/os/es, mulheres, lgbtq+, indígenas e contra seus corpos; apesar dos corpos de filhotes de onça, tatu, jaguatirica... estirados nas rodovias fugindo do incêndio de biomas inteiros; descobrimos, lembramos ou aprendemos que a qualidade do ar importa; que é preciso respirar; que a falta de ar é um agente político para o controle, extermínio e desaparecimento dos povos/corpos; que não há negociação possível com enforcamentos, estrangulamentos - e que sejam abomináveis todos os gestos, políticas e ações que visem latifundiar, colonizar ou lotear atmosferas; que são igualmente repugnantes as capitalizações do oxigênio, e seus usos perversos em ações antrópicas para combustão covarde de ecossistemas.

para o avanço da construção da ferrovia carajás (da empresa vale do brasil) no território quilombola santa rosa dos pretos, localizado às margens da BR 135, no município de Itapecuru Mirim (MA), o igarapé sumaúma é um amontoado de água e mato no meio do caminho. para os ritos e os modos de vida praticados ali, e em aliança com territórios de luta por todo o país, é um território vital absolutamente fértil. o igarapé é onde se encontram as águas, as plantas, as pessoas, e os encantamentos, antenas espirituais e terrenas. e no entanto, uma empresa chega, mata um olho d'água que mantinha viva uma comunidade inteira e vivos os seus ritos. como a mineração, o garimpo, o agronegócio, a pecuária e a monocultura bandeirante, a especulação imobiliária, rituais de capitalização da vida, avançam sobre territórios urbanos, rurais, aldeias, florestas, modos de vida, histórias, memórias, ritmos de vida etcetera. em contrapartida, a ação de capitalização-mortífera indeniza, negociando o inegociável.

a invisibilidade de certos humanos e o mito da natureza virgem continuam atuantes no imaginário brasileiro, bem como a técnica rodoviária tornada urbanismo e a terra arrasada como *modus operandi* desse renitente autocolonialismo. assim como perduram a devastação do que ainda resta da mata atlântica, a extinção inexorável do cerrado para a integração do país no mercado de futuros e a destruição sistemática da amazônia e seus habitantes como política de estado ⁷⁰



⁷⁰ CANÇADO (2017)



o oxímetro mede a quantidade de oxigênio que o sangue está transportando do coração para o resto do corpo. o aparelho virou uma sensação pandêmica e um totem da descarga de toda ansiedade coletiva generalizada e dos regimes de poder e violência que escolhem quem pode respirar e onde operarão sufocamentos. nas redes sociais e nos jornais e de volta nas redes sociais e nos grupos de whatsapp, medir a oxigenação viralizou e as variações sobre o mesmo tema: “fulano tá com a oxigenação baixa”, “95 em diante é melhor”, “tem que ver sua oxigenação”, “quanto custa um oxímetro?” “você tem que comprar um oxímoro” “oxímoro?”

debaixo d'água tudo era mais bonito / mais azul mais colorido / só faltava respirar / mas tinha que respirar / debaixo d'água se formando como um feto / sereno, confortável, amado, completo / sem chão, sem teto, sem contato com o ar / mas tinha que respirar / todo dia / debaixo d'água por encanto, sem sorriso e sem pranto sem lamento e sem saber o quanto esse momento poderia durar / mas tinha que respirar / debaixo d'água ficaria para sempre / ficaria contente, longe de toda gente para sempre no fundo do mar / mas tinha que respirar / todo dia / debaixo d'água protegido, salvo, fora de perigo / aliviado, sem perdão e sem pecado / sem fome, sem frio, sem medo, sem vontade de voltar / mas tinha que respirar / debaixo d'água tudo era mais bonito / mais azul, mais colorido / só faltava respirar / mas tinha que respirar / todo dia / agora que agora é nunca, agora posso recuar / agora sinto minha tumba / agora o peito a retumbar / agora a última resposta / agora quartos de hospitais / agora abrem uma porta / agora não se chora mais / agora a chuva evapora / agora ainda não choveu / agora tenho mais memória / agora tenho o que foi meu / agora passa a paisagem / agora não me despedi / agora compro uma passagem / agora ainda estou aqui / agora sinto muita sede / agora já é madrugada agora diante da parede / agora falta uma palavra / agora o vento no cabelo / agora toda minha roupa / agora volta pro novelo / agora a língua em minha boca / agora meu avô já vive / agora meu filho nasceu / agora o filho que não tive / agora a criança sou eu / agora sinto um gosto doce / agora vejo a cor azul / agora a mão de quem me trouxe / agora é só meu corpo nu / agora eu nasço lá de fora / agora minha mãe é o ar / agora eu vivo na barriga / agora eu brigo pra voltar / agora / agora / agora⁷¹

⁷¹ Debaixo d'água, letra de Arnaldo Antunes.

os vazios urbanos, por exemplo, os últimos chãos de terras livres, as clarabóias e os bolsões de respiro existem, suas presenças povoam os territórios urbanos, e existem em relação, as coisas são sempre em relação: os territórios vazios nas cidades contrastam com a compactação sistêmica que cria maciços de concreto, que fabrica zonas apartadas e cada vez mais apertadas e constrangidas à mecanismos de confinamento da vida, e seus enguetamentos. os vazios urbanos são a contra-força que reage à especulação imobiliária que tudo preenche, asfixia, sufoca e cimenta.

um vazio vital é, antes de tudo, uma virada epistêmica, um perspectivismo poético-político, um novo encantamento da palavra e seus usos. vazio vital é uma força de existir onde tudo habita, povoa e fecunda, ao mesmo tempo que escapa, passa, flui. é um estado de potência grande. são territórios, subjetividades, atmosferas latentes, como a imagem fotográfica⁷² está no filme, habita os seus grãos, antes mesmo de habitar nossos olhos. nele as coisas atravessam, transpassam, germinam. um plano de existência tanto material quanto imaterial, visível e invisível, humano e não humano, dado às existências miúdas, às feras, às entidades, aos encantamentos, às palavras e à oralidade. é a memória e a imaginação.

o drible civilizatório de garrincha partia de um princípio simples: ao invés de bater de frente com o marcador, mané gingava buscando o vazio. o segredo é brincar no vazio, sempre. e isso não é reflexão profunda, conceito, porra nenhuma. é só uma maneira de continuar jogando

73

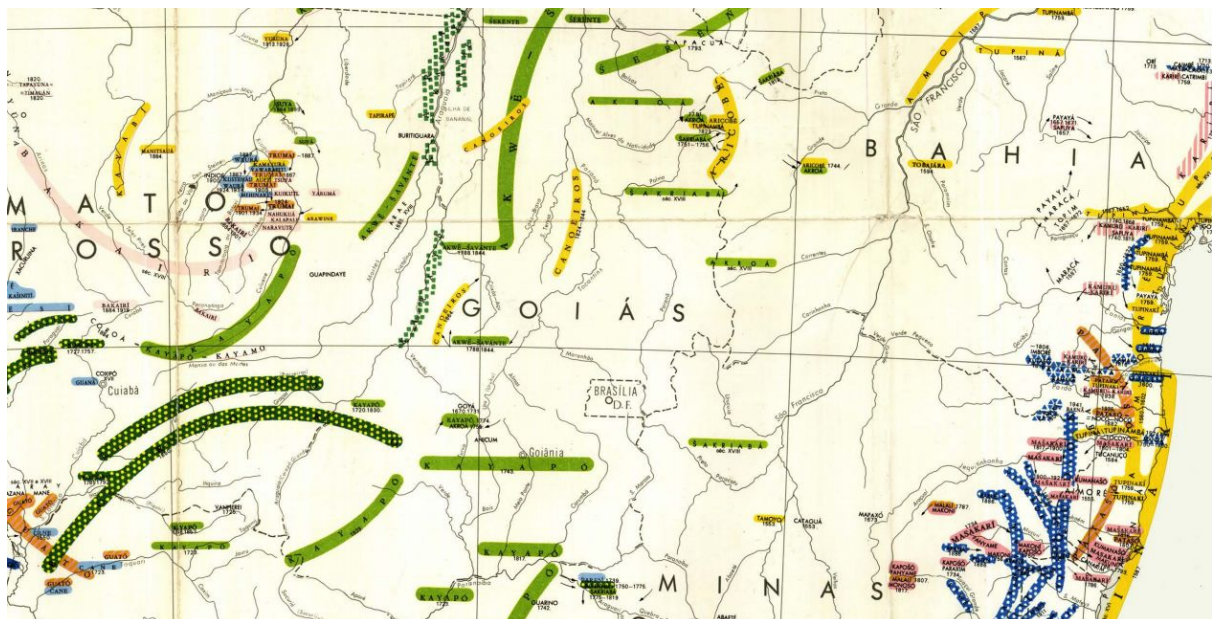
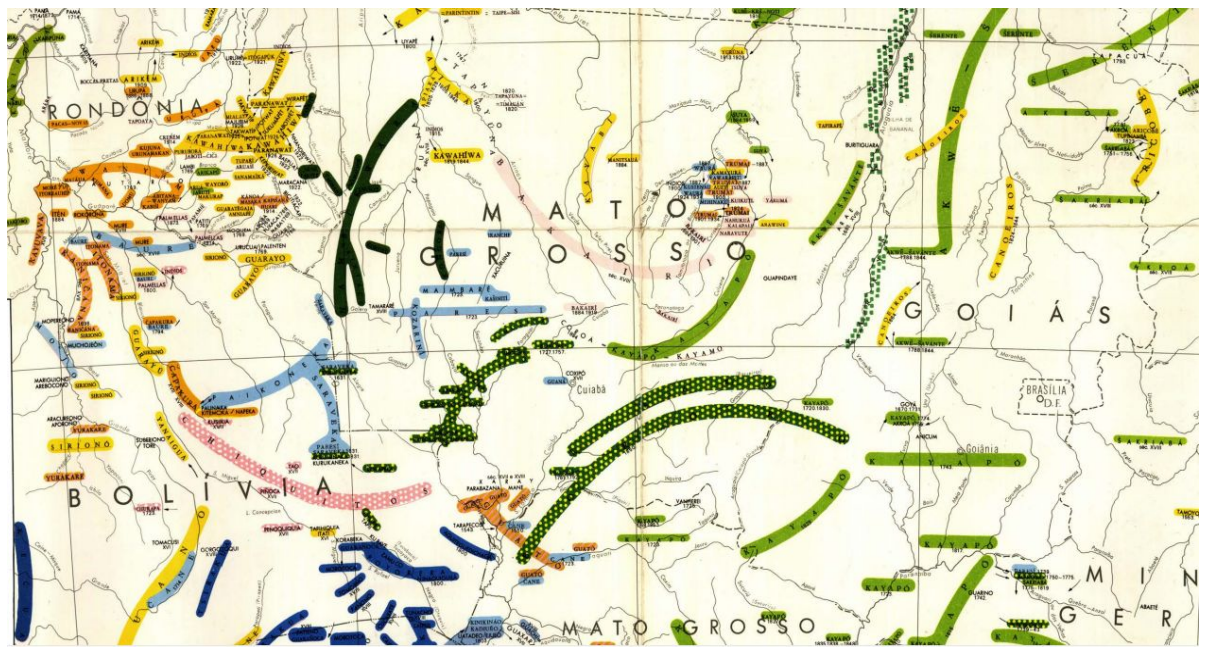
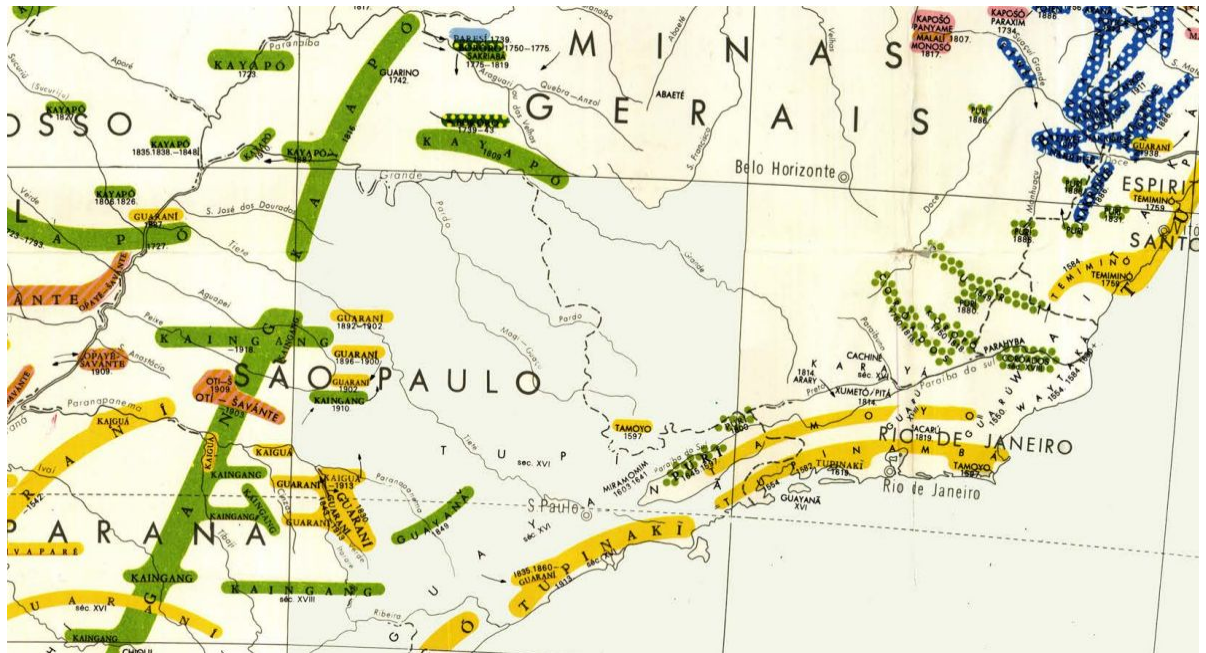
⁷² A revelação fotográfica é o processo químico que transforma a imagem latente registrada no filme fotográfico em imagem visível. O processo da revelação de fotografias é dividido em cinco etapas, e é basicamente químico. A imagem latente é convertida em imagem visível pela ação química do líquido revelador contido na processadora de filmes, esta reação é chamada de oxiredução. Os átomos de prata agem como catalizadores na reação, fazendo com que os cristais expostos à luz sofram redução rapidamente. A temperatura e a concentração dos químicos do revelador influenciam neste processo. [Informações colhidas de folhetos fotográficos de clubes de revelação analógica]

⁷³ Luiz Antonio Simas, post no twitter. Disponível em: https://twitter.com/simas_luiz/status/1282388129144541185

no brasil⁷⁴, por uma insistente perspectiva colonial/ocidental, experimentamos o vazio como falta. o último chão de terra livre do bixiga é um terreno vazio. essa terra está vazia de um certo modo de vida, de construções, de existências, e no entanto está povoado de presenças e passagens, muitas delas vistas a olhos nus e consciente desperto, outras acessadas por antenas, barbatanas, ouvidos, raízes e poros plugados em outras paragens, mais subterrâneas, mais lunares, mais inconscientes. para preencher *ad infinitum* lá onde os pactos políticos narcísicos desbravadores não estão, percorremos séculos de ação bandeirante boçal, e que se atualiza ainda hoje. ocupar o vazio como quem finca bandeiras funcionava assim como um álibi para a livre devastação de territórios, subjetividades e existências, em benefício da supremacia ultra autoritária dos que viriam fincar muros, subir cercas, sobrecarregar e superaquecer terras, territórios e povos.

⁷⁴ Nos idos de 1955, ao sobrevoar o Brasil Central em plena campanha para a presidência, Juscelino Kubitschek diria ter sentido “o problema em todas as suas implicações. Dois terços do território nacional ainda estavam virgens da presença humana. Eram os vazios demográficos de que falavam os sociólogos”. E em vez de continuar “arranhando as areias das praias, como caranguejos”, o Brasil deveria extinguir seus espaços vazios, pois “o grande desafio da nossa História estava ali”, escreveria vinte anos mais tarde em seu livro *Porque construí Brasília*. “A irradiação de um sistema desbravador” logo estaria completa com a “tomada de posse do território, nos moldes da tradição colonial” do Plano Piloto de Lúcio Costa. Brasília, a Meta-Síntese desse empreendimento colossal de design do território, seria “o veículo e o instrumento de conquista, desencadeando um novo ciclo bandeirante”. Como índice gráfico dessa visão de país, e como diagrama da metástase fractal que estaria por vir, Mary Vieira apresentaria, na Interbau 1957, em Berlim, o cartaz celebratório *brasilien baut Brasília*, no qual uma imensa superfície verde-bandeira enquadra o solo vermelho-sangue com as coordenadas da mítica intervenção humana. Mas contrariando a sanha etnocêntrica dos designers modernos, o *Mapa etno-histórico do Brasil e regiões adjacentes*, publicado em 1944 por Curt Nimuendaju, já apresentava os arredores da área (pré)destinada ao Distrito Federal como território historicamente ocupado pelos Kaiapó, Xacriabá, Akroá, Akwe-Xavante, Bororo e Paresí.

CANÇADO (2019)



ogum, orixá da terra, do cultivo da vida, da agricultura, da lida e da lavra, do ferro e do fogo, conhece o poder de forja da bigorna - local onde se trabalha o ferro e o corpo para a guerra. no teat(r)o oficina uma bigorna foi colocada na frente, na testa, por lina bo bardi: lugar onde se forja o corpo e o teatro, para a guerra. ogum é uma das forças que regem a luta das terras do bixiga para que nelas não se plantem prédios, mas gente e plantas, rio e frutas, teatro e vida.

os órgãos de preservação do patrimônio no brasil operam por um instrumento de proteção chamado tombamento⁷⁵. as áreas envoltórias à bens tombados também são protegidas por serem muitas vezes bolsões de respiro que circundam e preservam os centros do tombamento. os órgãos de preservação do patrimônio no brasil, desde 2016, passam por um grande regime de sucateamento e descaracterização, submetidos ao esmagador sistema econômico neoliberal-especulativo dominante. se as porteiras nas regiões norte, nordeste e central do brasil foram abertas - não para passar a boiada, mas para deixar passar a *homarada*-política, este totem representante dos interesses patriarcas, coloniais, econômicos, especistas, especulativos que se pretendem dominantes - na região sudeste, em são paulo, capital, não foi diferente. desde 2016, com o impeachment-golpe-político contra os povos brasileiros e a então presidenta dilma rousseff, e mais recentemente, com o estado pandêmico alucinante, foram abertas as porteiras para a devastação de territórios urbanos e territórios ecológicos, quilombolas, de mata atlântica, ciliares, nos perímetros da cidade e do estado. as forças da especulação imobiliária que se espalham pelo centro da cidade, pelo bairro do bixiga, são as mesmas que se lançam contra o território jaraguá e o centro ecológico guarani, que preserva, a custo das próprias forças vitais, o que resta de mata atlântica que vive no chamado cinturão verde guarani.

⁷⁵ O tombamento significa um conjunto de ações realizadas pelo poder público com o objetivo de preservar, por meio da aplicação de legislação específica, bens de valor histórico, cultural, arquitetônico, ambiental e também de valor afetivo para a população, impedindo que venham a ser destruídos ou descaracterizados. O tombamento pode ser aplicado a bens móveis e imóveis de interesse cultural ou ambiental, quais sejam: fotografias, livros, mobiliários, utensílios, obras de arte, edifícios, ruas, praças, cidades, regiões, florestas, cascatas, etc. Somente é aplicado a bens materiais de interesse para a preservação da memória coletiva. [Portal da Prefeitura de São Paulo]
Disponível em: <http://www.capital.sp.gov.br/cidadao/cultura/imoveis-tomabados-e-patrimonio-historico/perguntas-frquentes-sobre-tombamento>

os órgãos de preservação do patrimônio estão caducando na velocidade da luz. novas formas de contracenar e reexistir também se atualizam e se fortalecem⁷⁶. as instituições políticas brasileiras necrosam e a derrocada final precisa ser desejada, temer os tremores de terra, mas não a ponto de paralisar os tremores da vida. deixar ruir para dar passagem. há um vazio vital aí. é preciso expurgar séculos de toxinas e inventar novos rumos, valores, reativar sabedorias, linguagens, memórias, amplificar as ciências humanas para ouvirem as ciências da terra. levantes epistêmicos, ontológicos, poéticos, políticos serão formas de poder e ao mesmo tempo seivas de vida. desde um ponto de vida cosmopolítico, tombar os vazios há de ser uma lei ligada à função vital das coisas e dos territórios: a proteção do vazio é a proteção do vir a ser e do que está. não apenas a função social, mas a função-floresta, função-poética, função-unguento, função-mangue, função-imaginação, função-viveiro, função-colmeia, função-matilha, função cultural dos vazios urbanos, e dos vazios nas artes, nas ciências, na poesia.



⁷⁶ Ver, por exemplo, "Receitas Urbanas", matéria publicada pela revista Piseagrama, a respeito de alterações na legislação para terrenos vazios em Sevilha, na Espanha. Disponível em: <https://piseagrama.org/receitas-urbanas/>. E também, "Imaginar gestos que barrem o retorno da produção pré-crise", de Bruno Latour, publicado pela N-1 edições. Disponível em: <https://n-1edicoes.org/008-1>

trata-se sempre de liberar a vida lá onde ela é prisioneira, ou de tentar fazê-lo num combate incerto ⁷⁷

é preciso deixar um vão, uma fresta, uma rachadura, uma brecha, algum espaço entre: não grudar demais, estar junto o suficiente para deixar-passar o que nasce da germinação dos encontros. abre-caminho. este vazio não precisa ser preenchido, não está em oposição ao cheio, é antes um traço vital do que se passa entre, na confluência de subjetividades, potências, temperaturas, tensões, respiração, lonjuras, presenças, pele, corpo, terra, pata, o ar, um vôo, trajetos, percursos, fluxos, a polinização, o chi na medicina chinesa... um território existencial ativo, povoado de presenças e passagens. vazio vital é a potência das fabulações. é a própria encruzilhada, o cruzamento de forças invisíveis, inaudíveis... seja porque requerem outra espécie de frequência e aparelhos para serem capturadas, registradas, encontradas; seja porque sinalizam existências capazes de atingir graus de desestabilização sistêmica tão intensos, que precisam, sob essa alegação, ser controladas/fiscalizadas e mesmo aniquiladas pelos poderes autoritários vigentes.

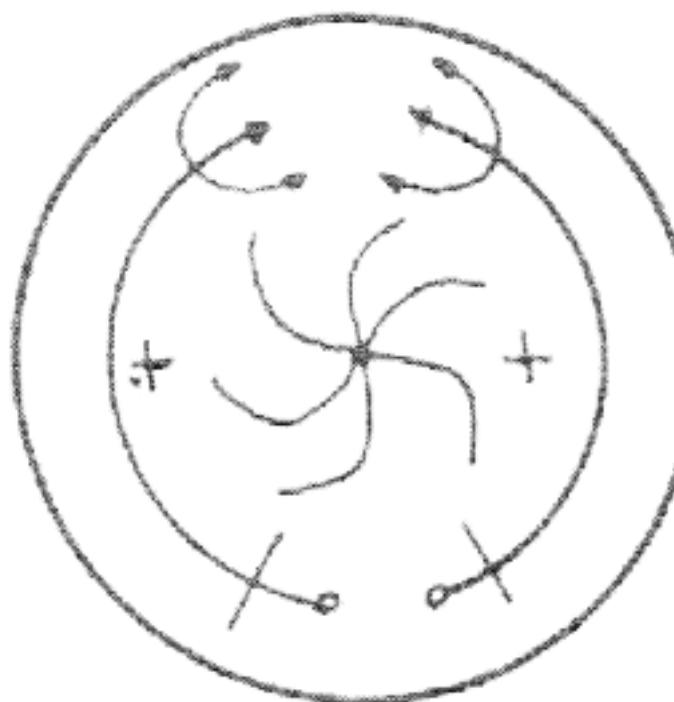
⁷⁷ Deleuze e Guattari (1992)

as folhas das árvores tem espaços entre si e entre os galhos e o tronco, os espaços continuam e se dilatam. florestas, matas, bosques, pequenas hortas, são matérias vivas movediças, dançarinas, porque um vazio povoa suas passagens, ele é a própria passagem. o vento percorre os corpos, a chuva e a polinização de insetos e pássaros e outros bichos fecundam porque há espaço. o sangue e a parede das artérias. no teatro entre um corpo e outro, entre um corpo e um objeto, entre a luz e o corpo. na poesia concreta e na poesia visual, entre uma palavra e outra, entre as palavras e o espaço da folha. entre uma boca e outra. há sempre um mesmo céu povoando o encontro de um beijo. os pássaros precisam de espaço para dançarem juntos suas revoadas. entre um peixe e outro no cardume passa a água e o rastro dos movimentos. minhocas criam túneis subterrâneos para a passagem do ar na terra, abrindo caminho para as raízes e para as águas. é preciso abrir passagens para o ar, por exemplo. em um vaso no quintal, em uma horta ou em grandes áreas de plantações e florestas, uma terra compacta não deixa passar a vida, nenhuma planta vinga. a etimologia da palavra arar: *a-rar*, que quer dizer sem ar, devolve na ação do verbo ar à terra. um vazio vital. a vida em toda sua potência de multiplicidades, vazio vital pode ser também uma qualidade físico-química, geológica, *cardiopoética*, ecológica, material, capaz de instaurar a vida, dar passagem, ser passagem-canal, operando aos modos de uma estufa, de um viveiro, de um terreiro, um teatro, um poema, uma obra audiovisual, uma imagem, uma escultura, um rio. conhecemos o funcionamento da atmosfera, ecossistemas, biomas, a biosfera, desertos, células, florestas, moléculas, manguezais, cidades, aldeias, territórios culturais, existências... nós também já conhecemos os vazios vitais: precários, contingentes e ancestrais. habitar o vazio, instaurar vazios, praticar vazios⁷⁸ como quem germina morangos na atmosfera.

**guardar vazios suficientes
para permitir que neles
saltem os cavalos⁷⁹**

⁷⁸ Mesmo o vazio é uma sensação, toda sensação se compõe com o vazio, compondo-se consigo, tudo se mantém sobre a terra e no ar, e conserva o vazio, se conserva no vazio, conservando a si mesmo. Deleuze & Guattari (2016)

⁷⁹ Deleuze & Guattari (2016)



EXU VIRA MUNDO

o sonho existe
o sonho está **vivo**
o sonho é a nossa rota de invenção de outros mundos
pra além desse que nós estamos vendo
desaparecer
é o que o sonho faz

sonhar é a mesma coisa que viver
são dois movimentos que acontecem ao mesmo tempo

acontecer e sonhar não é diferente

acontece dentro do sonho
e contar o sonho no outro dia pros seus parentes
é uma maneira de você trazer de lá daquele lugar
do sonho
pra aqui
pra esse mundo

eu me alimento muito do mundo do sonho
eu ando com um pé aqui e outro lá
e se alguém falar comigo que o sonho acabou
eu vou ficar com pena dele
porque eu vou entender que o sonho dele acabou
o meu não ⁸⁰

⁸⁰ Ailton Krenak, fala em trecho do filme LAVRA, de Lucas Bambozzi (2020)

tudo

s
entir
total⁸¹

⁸¹ SALOMÃO (2014)

notícias do centro da terra

há três dias o eixo da terra está parado. eu sei, isso parece ridículo e tampouco dá sinais de procedência científica, o eixo da terra não para. acontece que muitas outras coisas não eram prováveis e no entanto aconteceram da mesma maneira, à revelia de qualquer espécie de crivo que pudéssemos ter do que é real e do que não é. as hierarquias como as conhecemos e sobre as quais fundamos nossos pilares sociais se diluíram completamente e todas essas banalidades a que chamamos verdade, e empunhamos como se fossemos fincar uma bandeira ou erguer um prédio, ruíram para sempre.

era por volta do meio-dia, o sol mirava o centro da minha cabeça e seguia em linha reta até o chão, e não havia sombra. é óbvio, a sombra é mais curta ao sol do meio dia, mas não é isso. não havia contorno algum de um corpo sobre a terra. tudo era luz, uma luz infinita, branco-tinindo nos ouvidos e nos olhos.

os ossos regem uma espécie de sinfonia quando se aprumam entre as carnes para se levantar da cama. todos se apresentam, estalam e percutem, em especial a tíbia e a rótula esquerda ressoam sua ferrugem com desenvoltura até o banheiro. quando acordei, o relógio na tela marcava 02h37 e o mundo era um uníssono sol, e estalava.

recebi meu número de identificação e senha, e entrei na sala, virtual, claro, não exerceria tamanha negligência, há medidas de segurança máxima e vigilância operando em todas as estações. ninguém pisa fora, é certo. o meu ouvido zumbia e eu não conseguia compreender se já sofria os efeitos de uma insolação, tudo era luz e náusea, o que aumentou a minha confusão fisiológica e mental. demorei a me dar conta de que havia entrado numa sala errada para bate-papos. já havia ocorrido antes, às vezes o sistema deixa frestas, na última, caí com 16 pessoas de uma mesma família e um ancião-originário, jogando paciência. tentei contato com um grupo de pessoas que desconheço, nos encontramos todas as quartas pelas manhã e sextas à tarde, para saber se também lá o dia estava invertido. no começo achei que estava me adiantando e seria melhor esperar - há uma sirene que toca avisando os inícios para a abertura das salas, para que todos se posicionem diante dos outros à distância e compulsivamente assim fazemos todos os dias em situações ordinárias e em notificações de alerta - as noites são reservadas para as festas, algumas podem, depois de devidamente averiguadas pelo departamento de zoomnoses, entrar madrugada afora.

dadas as circunstâncias e o decorrer dos recentes acontecimentos, já considerava tomar a dupla de pílulas reativas para zonas limítrofes, distribuídas nos kits de primeiros socorros, renovados mensalmente: as azuis, para sonambulismo psicótico, as rosas, para incentivo das abstrações perenes. só então me dei conta de que não havia ninguém sentado nas cadeiras, e que não havia cadeiras. eu recebia imagens na tela, mas não eram bem lugares, definitivamente não eram casas de ninguém, não existia parede, teto, nem estante, não havia fundo. pareciam, eu acho que lembravam, terra, terra vermelha, pedra, cascalho... vermelho, cinza, quente.

não... fogo, algumas imagens pareciam bolas de fogo, um forno talvez, um forno antigo, algumas só pareciam não ter sinal, exibiam ruídos, ou alguma forma de descarga elétrica e havia sons, e começavam a aumentar, e de repente sumiam, e de novo, peguei correndo um estetoscópio que deixo ao lado da cama - vários de nós tem um ou dois, a depender da quantidade de pessoas que vivem em cada casa, é recomendado que auscultemos a frequência cardíaca 3 a 6 vezes ao dia - alguns dos barulhos se assemelhavam ao som da caixa torácica, fui confirmar. eram umas 20 telas na sala transmitindo um barulho oco de pulsações cardíacas e foi quando imaginei que estava entrando numa espécie de surto, efeito colateral já relatado em literatura desde os primeiros 10 anos do isolamento. era como se um terremoto abrisse o meu corpo e as minhas mãos gelassem num nanossegundo.

"há três dias o eixo da terra está parado", uma voz linda, com uma força e uma ressonância melódica de um timbre que eu jamais ouvi, ecoou da transmissão. imaginei que alguém poderia ter entrado e ampliei todas as pequenas telas percorrendo, uma a uma em detalhe, poderia ter vindo do panóptico, a tela-pai, central, que consegue observar, operar ligar e desligar as outras. pareciam não me ver, ou não se importavam que eu estivesse ali - talvez até gostassem. e então iniciou-se um algum tipo de conferência, não eram figuras humanas, tinham o aspecto de imagens internas, de dentro de um corpo, por dentro dos órgãos, ou de buracos no chão. e outras línguas foram entrando, fui reconhecendo aos poucos algumas nacionalidades, e conseguia compreender e traduzir em grande parte quase todas, mas não eram pessoas, e os timbres, os timbres definitivamente não eram humanos, eram belíssimos, tinham texturas, pareciam belas vozes de humanos como conhecemos, mas eram outras coisas, eram sons, ruídos e palavras cheias, eram consistentes demais, densas o suficiente, se assemelhavam a tenores estridentes, baixos volumosos, sopranos de faca. da tela central veio um sinal forte, algum tipo de transmissão cosmo-fônica havia nos interceptado. em diferentes pontos do mundo, as sirenes haviam tocado fora do horário, como nas situações de emergência e nos treinos para sobrevivência e escapismo, indicando a importância da mensagem. estávamos todos recebendo notícias do centro da terra.

"há três dias o eixo da terra está parado. o sol e a lua habitam o horizonte da terra ao mesmo tempo, alinhados. as vibrações sobre a superfície reduziram consideravelmente, estamos agora muito próximos do marco zero vital. já temos notícias das primeiras retomadas e outras chegam em abundância. estamos atingindo a marca dos 5 mil graus celsius e subindo, ferro e níquel passam bem, daqui do centro da terra estamos reluzentes. as placas tectônicas estão prestes! a alegria é imensa em poder voltar aos deslocamentos. de diferentes pontos da terra, já é possível ver as cordilheiras, montanhas e cânions respirando. recebemos com muita satisfação a boa nova: os oceanos expurgaram todas as resinas, objetos e materiais humanos, a biosfera se regenera em franca movimentação. matilhas inteiras se direcionam para os grandes centros urbanos, está também previsto para daqui a dois dias um grande estouro da boiada mundial. as maritacas também estão felizes, falam muito e na altura que gostam sem serem importunadas. a costa da índia, se vista de cima, é um chão branco-inteiro: 1 bilhão de ovos de tartaruga são chocados pela areia quente, o sol e a água do mar. parece que em Recife, no Brasil, famílias inteiras de tartarugas estão fazendo a desova e cuidando dos recém-nascidos neste exato instante. a baía de Guanabara se recupera e já celebra o gozo das águas cristalinas. é possível ver a serra dos órgãos das janelas dos prédios - alguns humanos, parece, já se mudaram para as sacadas e levaram travesseiros para os para-peitos das janelas. Veneza nunca foi tão feliz. as águas do São Francisco são agora correntezas de cura. levantes eclodiram em todas as regiões, os rios soterrados foram os primeiros a estourar os bueiros e partir as ruas ao meio, jorram tão alto que encontram as águas dos rios que correm acima da copa das árvores mais altas. a Amazônia consegue gritar sem obstruções, não é mais pulmão de ninguém, os alvéolos foram desinflamados. as aves silvestres e as selvagens, os carcarás e também as harpias, sobrevoam todos os céus e cada asa é uma lâmina de liberdade. barraventos atravessam os continentes sem barreiras pela primeira vez e lambem a pele das pedras, os troncos e as folhas das árvores. não há mais cercas. é a retomada da terra."

a partir daí foi o fim do mundo, instaurou-se entre nós um estado de antropollescência programada profundo. pessoas gritavam, tinha gente na rua correndo em círculos procurando a própria sombra, os centros de governo não conseguiam interromper a transmissão, nos diziam que a tecnologia era desconhecida e exigiam que saíssemos de frente das telas, que estavam replicando mensagens de mentira e informações oportunistas, mas a nossa retina estava pregada à luminosidade do ecrã como um feitiço. tinham homens tentando impedir que grupos de onças e flamingos entrassem nas lojas de conveniência, outros atiravam contra a névoa branca do sol a pino acertando toda ordem de gente do outro lado. o calor teso no cimento das ruas formava miragens que encantavam os moradores dos prédios mais altos que saltavam mergulhando no asfalto.

o sinal das tvs foi cortado, os telefones não funcionavam e todo o sistema de wi-fi e dados móveis entrou em colapso. sofremos um apagão total. um silêncio metálico percorreu a face da terra. em questão de segundos, toda a rede foi religada, e só havia uma mesma imagem projetada em todas as telas.

"nós, forças geológicas de toda a terra, irrompemos agora e conclamamos a todos os povos, de todas as espécies: misturem-se a nós! abrimos o abscesso fechado da terra. lavaremos a pele de todos os organismos vivos como lavramos a terra de todos os mundos. seremos comidos por milhares de seres vivos e comeremos outros tantos, amigos, por milhões e milhões de anos, é sempre a mesma força vital, vocês a chamaram: pulsão, e se castraram. de tempos em tempos há a transubstanciação da vida. tudo o que é vivo corrói. agora, escutem o que os animais nos ensinam sobre a pulsão, há uma ética mineral, não se esqueçam, e também as águas, quentes e frias de todos os corpos compõem lagos de saúde e vida dentro e fora dos poros. as células das plantas e a hemoglobina humana precisam se encontrar. só há um momento para a fotossíntese, o sol e a lua agora vão retomar suas órbitas, vocês sentirão um grande tremor de terra e o dia ficará branco-alucinante como o leite das rosas e a poeira das estrelas do mar. todas as telas tornarão a se apagar, agora."

p i i i i i i i i i i i

um clarão tomou conta de tudo branco como faca. fiquei com os olhos fechados por 2 ou 3 minutos inteiros, e os ouvidos zumbiam como se uma explosão nuclear tivesse acabado de irromper mas não havia fumaça, nem gritos, nem nada em mim queimava ou doía. aos poucos, consegui ver o que estava perto e depois mais longe até que a névoa densa que nos envolvia como se estivessemos todos soterrados por camadas e camadas de neve, cedeu completamente. o estado de choque que me tomou só não foi maior que o estado de êxtase que as imagens que vi me trouxeram. recebemos ainda mais uma mensagem:

"este é um prelúdio. estejam atentos. é urgente decifrar num átimo a força das coisas vivas, ágeis a provocar, subverter e devorar tudo o que não gesta, gera, nem gira: com a precisão de um jaguar. vamos riscar o fósforo. as antigas carcaças morais que nos seguram devem ser queimadas em mesas de autópsias festivas onde vamos nos dar conta do corpo já putrefato a que chamamos: política e transformá-lo, como em alquimia se transmutam as formas, para que os contrários possam existir juntos sem o perigo do susto. agora. é a época da revoada dos pássaros furta-cor a postos como sentinelas em poços artesianos de estrelas e outras substâncias, livres. é tempo de descobrir os vaga-lumes entre os ossos."

as montanhas que circundam as cidades ficaram enormes, mais altas, era como se tivessem crescido como as plantas e as árvores, mas eram montanhas inteiras, gigantes. a maioria dos adultos, e sobretudo os homens brancos que ainda carregavam suas gravatas pendendo no pescoço pareciam estátuas de sal, estavam mais brancos que o normal, os olhos esbugalhados e os gestos petrificados. o céu era cortado por rasantes de luz: rosa, amarela, vermelha, azul... mas não vinham de nenhuma fonte luminosa, vinham do rastro de pássaros de diferentes famílias voando na velocidade da luz e emitindo sons deslumbrantes. talvez as placas tectônicas tenham se movimentado de novo.

não parecia ter caído nada em nós, ou que tínhamos colidido com alguma outra coisa. não parava de sair água de dentro da terra. os rios, todos os cursos, bacias, soterrados, explodiram suas prisões de concreto subterrâneas e jorravam alturas, como cachoeiras invertidas. as coisas não estavam destruídas, elas eram outras, as coisas como as conhecemos, eram outras, estavam transfiguradas, era como se a terra tivesse tomado um tônico fortíssimo, algum alquímico eficiente e se regenerado completamente.

mais transfigurados que as coisas como a conhecemos estavam os rostos humanos. as fronteiras e as cercas caíram, todas as hierarquias foram depostas. não havia separação entre humanos e o resto dos seres da terra - não posso afirmar que já não estivessemos flutuando também no espaço, sem nenhuma separação entre nós e os outros seres intergaláticos. coisas fantásticas eram vistas como se estivessemos todos sob o efeito de um poderoso psicotrópico.

as crianças tomaram a dianteira enquanto a maioria dos humanos adultos não conseguia se mover do seu estado de perplexidade perene. alguns pais arregalaram ainda mais os olhos - única parte do corpo que, em choque, conseguiam mover - na tentativa de fazer com que seus filhos não saíssem de perto, mas as crianças estavam tomadas por elas mesmas, numa excitação de liberdade e alegria vertiginosas.

grupos inteiros de onças enormes atravessavam as ruas tranquilas e no meio delas, emboladas, crianças de diferentes idades brincavam, lambiam as mãos pequeninas umas das outras e eram lambidas pelas onças no rosto e os animais pareciam sorrir e mexer o maxilar como se estivessem falando com elas e entre si. haviam borboletas do tamanho de aviões e o movimento das suas asas fazia cair todos os chapéus e balançar a copa das árvores - alguns se agarravam a algum tronco quando elas passavam sobre as nossas cabeças pra não levantar vôo também.

todos os animais domésticos desapareceram. depois, recebemos notícias dos nossos cães, que estavam em florestas noturnas onde tinham a função de sonhar e as suas pegadas eram rosa-fluorescentes iluminando os caminhos. durante o dia, eram responsáveis por farejar os poros por onde transpiramos o medo dos séculos que vivemos sob o comando da necromancia do governo dos homens para iniciar as práticas de cura dos povos. alguns foram vistos de longe caminhando calmamente entre as folhas nem um pouco secas e a umidade da boca das frutas, cheias de lua e água, abriam cordilheiras de onde era possível escutar os uivos humanos tomados de alegria e coragem. havia lagos de um azul-solar cheios de água doce, e as línguas gigantes dos animais lambiam as feridas que criamos na terra quando decidimos que poderíamos nos separar dela. pássaros de fogo enormes de asas verde-rosas sobrevoam as copas das árvores mais antigas em danças espirais, protegendo o sono das matilhas que protegem agora o nosso, cuidando para que não despertem no meio do espanto.

agora, muitos já saíram do estado de congelamento em que estavam. as folhas frescas de hortelã e os ramos de alecrim são usados para cuidar do corpo e da carne do mundo. camomila, guiné, manjerição roxo, abre-caminho, mais da metade do nosso organismo é composta por água e agora sentimos de fato as marés lunares como se estivessem dentro de nós. o mundo já não pesa mais, nem pende, não há mais o abismo que nos circundava. as mãos que carregavam todo o peso do mundo agora seguram outras mãos e elas não pesam mais. aramos a terra onde plantamos nossa comida e lavramos nossas memórias. a política como a conhecíamos caducou. aqui, a fermentação e a ferrugem, o líquen e o gozo são forças políticas, como ruir, cortar, cavar, plantar, nascer, e de novo. é preciso cuidar das avós, da liberdade e da arte e para isso plantamos as ervas medicinais necessárias para manter nossas sensibilidades abertas: expostos, nos afetamos melhor e sem os perigos do ego. há uma bússola dos ventos girando vertiginosamente dentro de todos os seres vivos e a sua seta vibra toda vez que começamos a curar as feridas.

quando estamos na praia, e as suas águas são férteis, entre o horizonte e o nosso olho formam-se gradações extasiantes de cores. quando o mar atravessa o tórax as moléculas do coração se misturam às moléculas de água. corpos d'água, pés, patas, areia, guelras, pernas, peixes, língua, mar: somos agora uma espécie de povo sem forma, fluído de intensidades vazantes.

já ia me esquecendo, muitas coisas passaram a funcionar de outra maneira ou não existem mais: os relógios antigos andam ao contrário e dilatam. não existem mais pêndulos. as folhas também se desprendem das árvores na primavera e outras nascem no inverno. alguns pássaros mudam de bando e passam a cantar com outros povos durante o verão. a balança é mesmo um equívoco, raramente utilizamos. é preciso cair, muitos têm exercitado. a ferrugem tem a cor do que desperta. a mitologia de tudo é sempre pouco, não temos mais bibliotecas, mas cosmotecas, lá todos os povos se encontram para depositar suas memórias, filosofias e invenções - às segundas chegam formigas levando vários tipos de folhas com escritas cuneiformes. aprendemos todas as línguas, e a não falar quando não temos nada a dizer. é preciso escutar a fermentação, isso nos dá as tecnologias necessárias para melhor existir nas sociedades. por sociedade compreendemos todos os povos humanos e não humanos que habitam territórios comuns. o direito também precisou passar por uma reformulação total, agora chama-se "tekoporã", como sugeriram os guaranis em assembleia, que significa: o que é bom pra vida, e são as leis de xangô que orientam as tomadas de decisões coletivas. tudo que é vivo corrói, experimentamos em laboratório, nas escolas de florestas, no amor, no tempo, e isso é bonito. o susto tem gosto de cru, mas não sangra. estamos todos a nu e as peles tem cheiro de sol.

as políticas de adoção não se chamam mais políticas de adoção mas "alianças vitais para expandir núcleos familiares". os núcleos familiares, aliás, também passaram por uma reviravolta - algumas pessoas não gostaram e continuam tentando, e tentando também voltar ao normal de tudo antes disso mas existe um magnetismo instaurado para a sobrevivência de todos os povos na terra que criou um invólucro de proteção inatingível: qualquer tentativa de forçar voltar às formas de opressão hierárquicas é bem-vinda porque não há políticas de imposição de um grupo sobre o outro, no entanto, elas nunca conseguem atingir o nível 3, considerado mínimo-vital para qualquer ato ter força de transmutação.

aprendemos a escrever com o que escapa, e a viver também. escrevemos, pensamos e vivemos com a terra, com o que é fóssil e o que é vital. com as ruínas e as plantas, com um pé de guiné, com um manjerição-roxo, com banhos de alecrim, com as águas-vivas e o teatro, com a seiva e o fruto, com as abelhas e com os pulmões, com alegria e coragem, com a carne e o que corta, com a poesia e a cólera, com o que cura e o que envenena, com iansã e o rio, com o que se passa entre, e atravessa. aprendemos a escrever-juntos, a fazer-juntos, a lutar-juntos, somos todos um pouco d'água e um relâmpago, um coral submerso e uma flâmula. aprendemos a viver povoados e a povoar outras vidas.

há uma espécie de **fogo** no coração.



cosmotransmissores

ANDRADE, Oswald de. **Manifesto Antropófago**. In Piratininga Ano 374 da Deglutição do Bispo Sardinha. Revista de Antropofagia, Ano 1, No. 1, 1928. Disponível em: https://pib.socioambiental.org/files/manifesto_antropofago.pdf

_____. No País da Gramática. In **A MORTA**. Rio de Janeiro, p. 11-13, Serviço Nacional de Teatro, 1973.

ARTAUD, Antonin. **O Teatro e seu duplo**. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

_____. **Pra dar um fim no juízo de deus**. São Paulo: Tradução Livre Teatr(o) Oficina, 1996.

CANÇADO, Wellington. **O que diriam as árvores?** *PISEAGRAMA*, Belo Horizonte, número 11, página 118 - 125, 2017.

COCCIA, Emanuele. **A vida das plantas: uma metafísica da mistura**. Desterro [Florianópolis]: Cultura e barbárie, 2018.

_____. **Nenhum distanciamento social pode nos proteger de nosso tempo**. [Entrevista concedida à GLAC - edições]. Disponível em: <https://www.glacedicoes.com/post/nenhum-distanciamento-social-pode-nos-proteger-emanuele-coccia> Acesso em: 09/07/20
COLOMBINI, Gustavo. **Colônia**. São Paulo: Glac Edições, 2019.

_____. **O Vírus é uma força anárquica de metamorfose**. [Tradução Damian Kraus] São Paulo: N-1 edições, 2020.

CUNHA, Euclides da. **Os Sertões: Campanha de Canudos**. Edição, prefácio, cronologia, notas e índices Leopoldo M. Bernucci. São Paulo: Ateliê Editorial, Imprensa Oficial do Estado, Arquivo do Estado, 2001.

DELEUZE, G; GUATTARI, F. **Kafka: Para Uma Literatura Menor**. Lisboa: Assírio & Alvim, 2003.

DELEUZE, G. e GUATTARI, F. "Percepto, afecto e conceito". **O que é a filosofia?** São Paulo, Ed. 34, 1992 (Tradução Bento Prado Jr. e Alberto Alonso Muñoz).

DELEUZE, Gilles. **Crítica e Clínica**. São Paulo: Ed. 34, 1997.

DELEUZE, Gilles. **Conversações**. São Paulo: Ed. 34, 2010.

DELEUZE, G. & PARNET, Claire. **Diálogos**. São Paulo: Editora Escuta, 1998.

EWALD, François. [Orelha do Livro] In DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil Platôs**. Vol 1. 2ª Edição (2ª reimpressão) São Paulo: Editora 34, 2017.

GOUVEIA, C.M.C. Izabel. A Cidade de São Paulo e seus rios: uma história repleta de paradoxos. In: *Confins* [Online], 27 | 2016, posto online no dia 16 julho 2016, consultado o 26 julho 2019.
URL: <http://journals.openedition.org/confins/10884> ; DOI: 10.4000/confins.10884

HANSEN, Júlia de carvalho. "É preciso recriar o acontecer". In **Seiva, veneno ou fruto**. Belo Horizonte: Edições Chão da Feira, 2018.

HARAWAY, Donna. **Staying with the trouble: Making Kin in the Chthulucene**. Duke University Press, Durham e Londres, 2016.

_____. **Estamos vivendo tempos extremamente perigosos**. [Entrevista concedida à Tamara Tenenbaum] Publicada por Infobae. Traduzida por Cepat. Disponível em: <http://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/593253-estamos-vivendo-tempos-extremamente-perigosos-entrevista-com-donna-haraway#> Acessado em: 04/08/20.

HILST, Hilda. **Estar Sendo. Ter Sido**. 2ª Edição - São Paulo: Globo, 2006.

HOKUSAI, Katsushika. In HILST, Hilda. **Estar Sendo. Ter Sido**. 2ª Edição - São Paulo: Globo, 2006.

HUBERMAN-DIDI, Georges. **Ser Crânio**. Belo Horizonte: Editora C/Arte, 2009.

KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

MALLARMÉ, Stéphane. **Um lance de dados**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2017.

NOGUEIRA, Sidnei Barreto. **Exu**. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CCS7jKRHmwW/> Acessado em: 06/06/20.

PATROCÍNIO, Stela. **Reino dos bichos e dos animais é o meu nome**. Rio de Janeiro: Beco do Azougue, 2009.

PRECIADO, Paul. [Prólogo] In ROLNIK, Suely. **Esferas da Insurreição**. São paulo: N-1 edições, 2018.

ROLNIK, Suely. [Entrevista] Publicada por Suplemento Pernambuco. Disponível em: <https://www.suplementopernambuco.com.br/entrevistas/2206-entrevista-suely-rolnik.html> Acessado em: 21/08/20.

RUFINO, Luiz. **Batalha contra o densencanto: a encruza como chegada**. In Revista CULT, Edição 234, São Paulo, 2020.

SALOMÃO, Waly. **Armarinho de Miudezas**. Salvador: Fundação Casa de Jorge Amado, 1993.

_____. **Poesia Total**. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

SIMAS, Luiz Antonio. **Macumba**. In Revista Serrote, #27, São Paulo, 2020. Disponível em: <https://www.revistaserrote.com.br/2020/02/macumba-por-luiz-antonio-simas/>. Acesso em: 09/08/20.

STENGERS, Isabelle. **Reativar o animismo**. Belo Horizonte: Edições Chão da Feira, 2017. Disponível em: <https://chaodafeira.com/wp-content/uploads/2017/05/caderno-62-reativar-ok.pdf>

TSING, Anna. **Unruly Edges: Mushrooms as Companion Species, Environmental Humanities**, v. 1, 2012.

UNO, Kuniichi. **A Gênese de um corpo desconhecido**. São Paulo: N-1 edições, 2014.

_____. **Pensar um corpo esgotado**. São Paulo: N-1 edições, 2018.

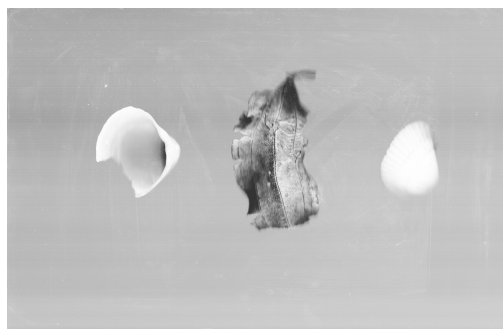
VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. **Os Involuntários da Pátria**. São Paulo, N-1 edições, 2016.

cosmotransmissores

exu
tranca rua
leonilson
rio bixiga
cacilda becker
antonin artaud
oxóssi
iansã
tempestades
vírus
calor
frio
o mar
conchas
macela
babosa
guiné
bambu
nuvem
espada de iansã
primavera
hortelã
pomba gira
manjerição roxo
coentro
boldo
pitanga
chuva
cesalpina
verde-rosa
sol
pedras
febre
fome
bacia de ágata
sabiá laranjeira
romã



1



2



3



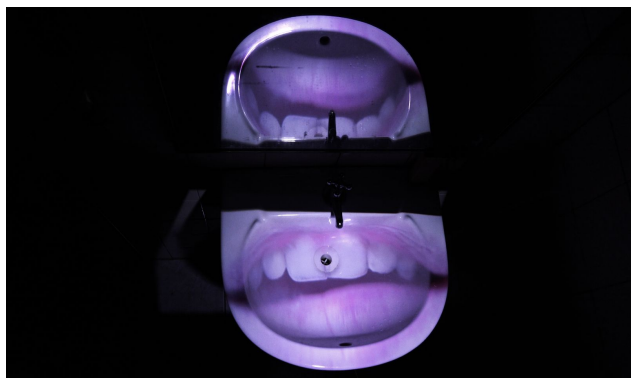
4



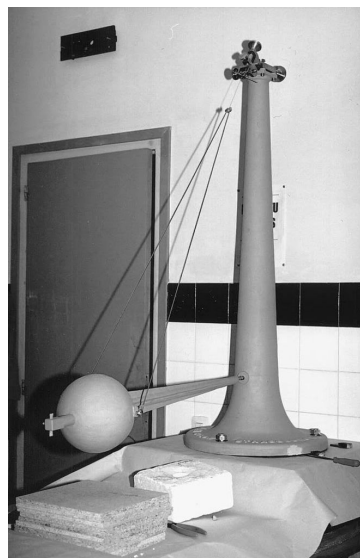
5



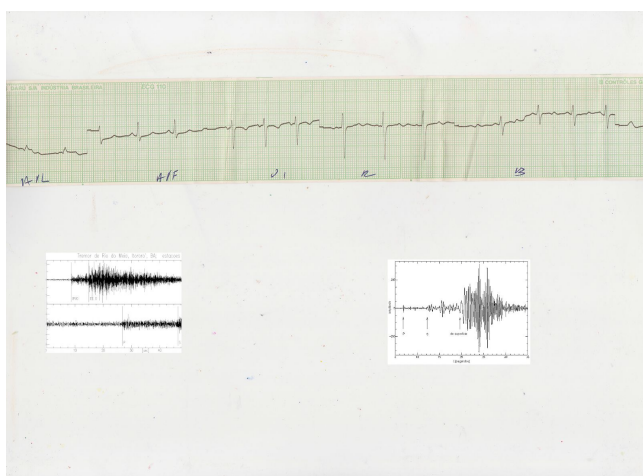
6



7



8



9

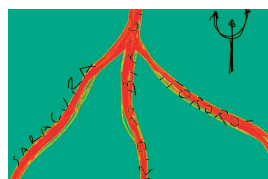


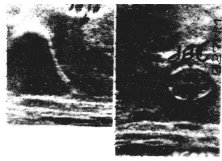
10

11

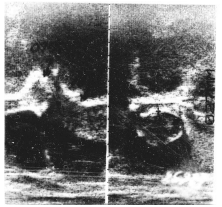
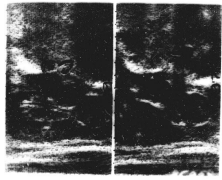


12





13



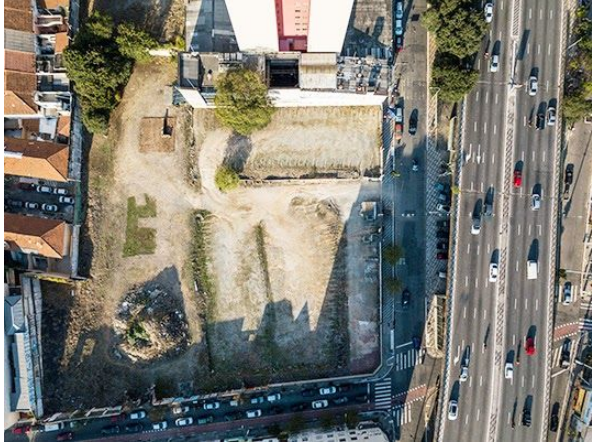
14



15



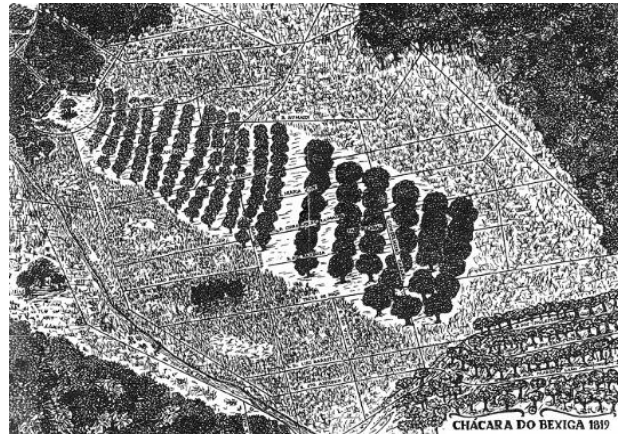
16

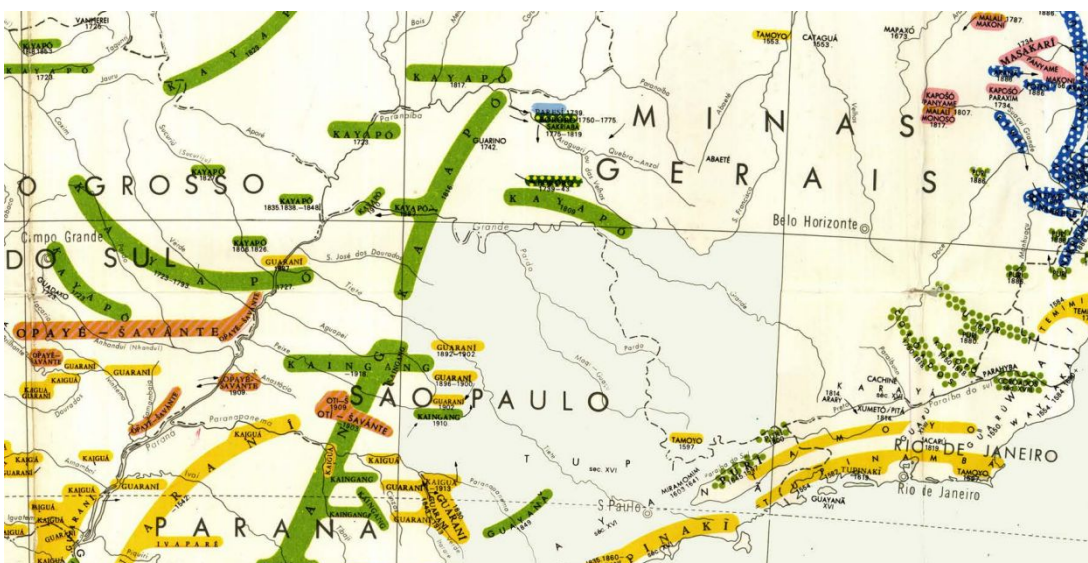
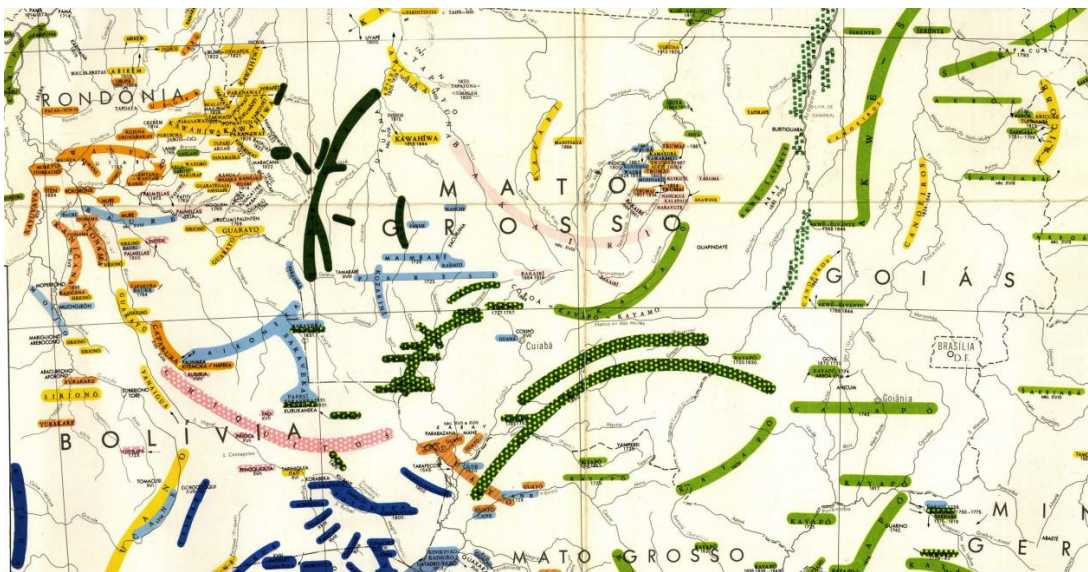
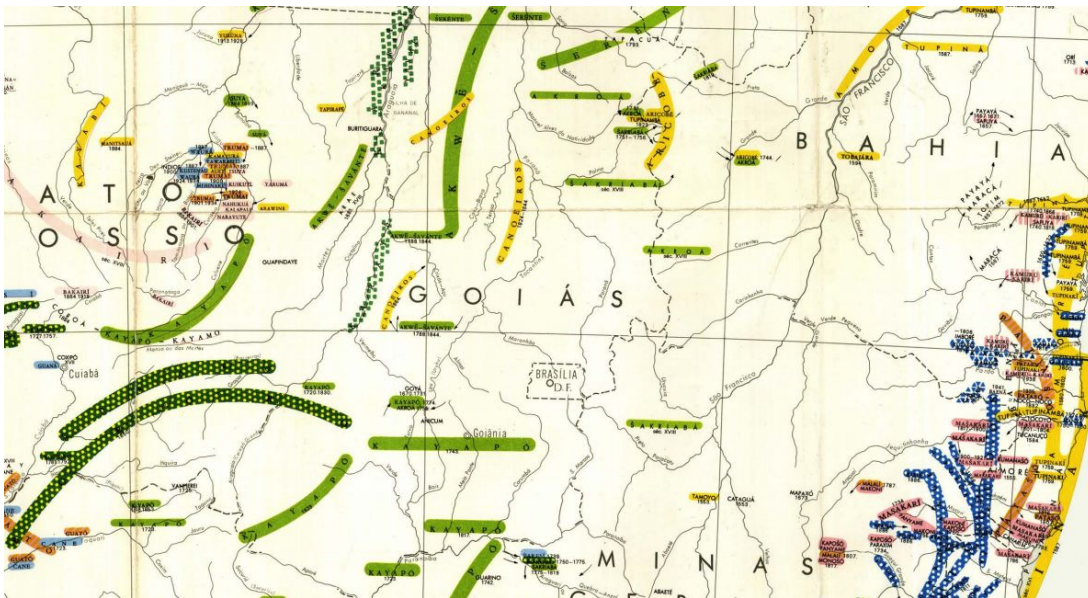


17



18







20



21



22



23

- 1 Acampamento dom Tomás Balduino (fotografia: Ney Hugo/Mídia Ninja)
"malditas sejam todas as cercas" - Pedro Casaldáliga, poeta do Araguaia
- 2 Scanner de concha e folha seca (arquivo do autor)
- 3 Scanner de carimbo da pata de Leonilson
- 4 Makumba Gráphyka "Ciência, tecnologia y transe", de Camila Mota
- 5 Registro feito no território Yanomami em Surucucu, Alto Alegre, roraima (2020) // fotografia de Joedson Alves/EPA-EFE
(European Pressphoto Agency)
- 6 Frame do filme "As Gaivotas Que Nascem Dos Tremores Da Terra"
(réptil)
- 7 Frame do filme "As Gaivotas Que Nascem Dos Tremores Da Terra"
(projeção sobre a pia do banheiro) Disponível aqui:
<https://vimeo.com/arquivomangue>
- 8 Sismógrafo de pêndulo
- 9 Eletrocardiograma de humano e cardiosismógrafo da terra
- 10 PARANGOLÉ P15, Capa 11, Incorpo a Revolta. Hélio Oiticica
- 11 Árvore Cesalpina no Teat(r)o Oficina. Fotografia de Nelson Kon
- 12 Encruzilhada dos Rios do Bixiga
(makumba gráphyka d Camila Mota)
- 13 Ultrassonografia obstétrica 14 semanas (1987)
- 14 Exu - reprodução de imagem do acervo virtual de Sidnei Nogueira
- 15 Sambaqui de praia. Acervo Arquivo Mangue
- 16 MAPA Perspectiva aérea do território do Parque do Rio Bixiga
- 17 Perspectiva aérea do Parque do Rio Bixiga
Fotografia de Leonardo Pinotti
- 18 Chácara do Bixiga. Imagem de acervo do Museu do Bixiga
- 19 Mapa etno-histórico do Brasil e regiões adjacentes
(publicado em 1944 por Curt Nimuendaju). Disponível em:
<https://biblioteca.ibge.gov.br/index.php/biblioteca-catalogo?id=214278&view=detalhes>
- 20 Réptil carbonizado nos recentes incêndios no Pantanal
Fotografia de Silas Ismael/Arquivo Pessoal
- 21 Vista aérea incêndios florestais grande escala-Poconé, Pantanal
Fotografia de Rogerio Florentino/AFP
- 22 Portal da Abolição, pintado em gesto de acupuntura urbana para
abrir as encruzilhadas das ruas que circundam o Parque do Rio
Bixiga. Fotografia de Jennifer Glass
- 23 OKÊ OKÊ OKÊ ARÔ. Obra de Abdias do Nascimento

Este trabalho foi feito
com as famílias tipográficas
Roboto MONO, Lora e Roboto
e com pontos riscados de *Exu*